

ILUSTRAÇÃO

N.º 225 — 10.º ano





O MUNDO NA MÃO

Pequena enciclopédia popular de conhecimentos úteis
organizada por um grupo de professores e homens de letras

À VENDA

a 2.^a edição ilustrada com mapas e muitas gravuras

O MUNDO NA MÃO

é indispensável a toda a gente pois, dum modo geral reúne tudo quanto a
cultura humana tem produzido no campo das ciências, das artes e das letras

É um livro de tudo e para todos

dispensa centos de livros, poupa trabalho e fornece com rapidez,
a quem o consulte, o esclarecimento desejado

O MUNDO NA MÃO

é verdadeiramente o livro mais popular de
estudo e de consulta que deve existir em
casa, no escritório, na oficina e nas escolas

1 volume de 824 páginas, em ótimo papel, elegantemente encadernado em percalina com gravura a cores
e ouro, Esc. 30\$00; pelo correio, à cobrança, Esc. 33\$00

Adquirir esta obra é ficar possuindo, NUM ÚNICO VOLUME, manuseável,
de formato cómodo e elegante, a síntese de todos os conhecimentos humanos

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND, Rua Garrett, 73 — Lisboa

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES

O meu menino

Como o hei-de gerar,
criar e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs.,
ilustrado,

encadernado, 17\$00;
brochado, 12\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80
LISBOA

USE O CREME

Rainha da Juvénia

INDISPENSÁVEL PARA
A BELEZA DA PELE



DÁ-LHE A FRESCURA DA JUVENTUDE

M. CAMPOS
ACADEMIA SCIENTIFICA DE BELLEZA

As edições da Livraria
Bertrand encontram-se
à venda na Minerva
Central, Rua Consiglieri
Pedroso — Caixa Postal 212
Lourenço Marques

ILUSTRAÇÃO
Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)
Editor: José Júlio da Fonseca
Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL — Rua da Alegria, 30 — Lisboa
Preços de assinatura — Em virtude do aumento dos portes
do correio esta tabela anula a anterior

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Brasil	—	67\$00	134\$00
(Registada)	—	91\$00	182\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	99\$00	198\$00

Administração — Rua Anchieta, 31, 1.º — Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

À VENDA:

J. M. FERREIRA DO AMARAL

O paraíso bolchevista e... a mentira

UMA VIAGEM À RUSSIA

1 volume de 250 páginas, brochado..... Esc. 10\$00
Pelo correio à cobrança 11\$50

LIVRO DESTINADO A GRANDE SUCESSO

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND — 75, Rua Garrett, 75 LISBOA

Acaba de ser posta à venda

A 2.ª EDIÇÃO DO

Romance da Raposa

POR **AQUILINO RIBEIRO**

Ilustrado pelo insigne artista francês Benjamin Rabier

Este romancinho constitue um
grande êxito literário e de livraria

1 vol. de 176 págs., ilustrado com 44 gravuras
no texto, 16 estampas a côres em hors-texte
e capa a côres 15\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

QUALQUER RUGA DESAPARECE!

Em 6 semanas



Uma mulher de 61 anos foi submetida a um tratamento quotidiano de cinco minutos, por um célebre doutor, num hospital de Viena de Austria. Em 6 semanas tódas as suas rugas tinham completamente desaparecido. Tinha conquistado uma tez frêscas de jovem. A experiência foi renovada, diz um jornal médico de Viena, noutras mulheres de 60 a 70 anos, com os mesmos e notáveis resultados.

A história d'êste milagre, é agora conhecida em todo o mundo. Toda a mulher pode fazer pessoalmente o mesmo. O professor Dr. Stejskal da Universidade de Viena desco-

bruiu que as rugas são causadas pelo desperdício de certos elementos vitais da pele. Após anos de pesquisas conseguiu obter êstes preciosos elementos da pele de jovens animais cuidadosamente seleccionados. Chamou a este processo, Biocel. Os direitos exclusivos respeitantes a esta surpreendente descoberta foram adquiridos, com grandes despesas por Tokalon. O Biocel está agora combinado com outros elementos revitalisantes e nutritivos no Creme Tokalon Biocel, Alimento para a pele (Côr de Rosa). Rejuvenesce a epiderme, suprime as rugas e tonifica os músculos enraquecidos da cara. As mulheres de 50 a 60 anos podem obter uma beleza juvenil que invejarão muitas jovens. Garantia de 100.000 escudos por felizes resultados, senão reembolso do dinheiro.

A venda em todas as perfumarias e boas casas do ramo. Não encontrando, dirija-se à Agência Tokalon, (Secção I. L.) — 88, Rua da Assunção, Lisboa que atende na volta do correio.

Minerva Central

**LIVRARIA, PAPELARIA
e OFICINAS GRÁFICAS**

A mais antiga e importante
da Colónia de Moçambique

Depositário das mais importantes livrarias do país

Correspondência directa com as
principais casas editoras de ESPANHA,
FRANÇA, ITÁLIA, INGLATERRA,
ALEMANHA e AMÉRICAS

Casa editora do **CODIGO TELEGRÁFICO "GUEDES"**
e de outras publicações

Completo sortido de todos os livros
para o ensino primário e secundário

LIVROS SOBRE ARTES, CIÊNCIAS E INDUSTRIAS



Fachada dos Estabelecimentos da Minerva Central em Lourenço Marques
na Rua Consiglieri Pedroso — fundados em 1907

PAPELARIA

O mais completo apetrechamento para escritório
dos melhores fabricantes europeus e americanos

**TIPOGRAFIA, ENCADERNAÇÃO
E FABRICO
DE CARIMBOS DE BORRACHA**

Fazem-se todos os trabalhos, livros e jornais

Caixa postal 212

End. Teleg. MINERVA

LOURENÇO MARQUES

— AFRICA ORIENTAL PORTUGUESA —

Rua Consiglieri Pedroso, 21 a 39

O JÓGO DA MODA

MAH-JONG

Teoria, prática e regras do jôgo

Esc. 3\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A VENDA

NOVIDADE LITERÁRIA

MIRADOURO

TIPOS E CASOS

POR **ANTERO DE FIGUEIREDO**

TÍTULOS DOS CAPÍTULOS:

O capote do Sr. «Mariquinhas» — Apêgo à Dôr — Dr. Mendes «Gira» — Feira de Ano — Lúcia — Um sobretudo de respeito! — A paz do Lar — Uma espada... em-bainhada! — O Barboza de Sejins — O Morgado de Sabariz.

1 vol. de 320 págs., brochi. **12\$00** enc. **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de ser posto à venda

Albino Forjaz de Sampaio

A AVALANCHE

(À MARGEM DA GRANDE GUERRA)

1 vol de 220 págs. broc. **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À VENDA

JOÃO DE BARROS

Pátria esquecida

NOTAS E ESQUEMAS

1 vol. de 212 págs., brochado **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE SAMUEL MAIA

Sexo Forte — (2. ^a edição), 1 vol. enc. 13\$00; br. . . .	8\$00
Braz Cadunha — 1 vol. br.	6\$00
Entre a vida e a morte — 1 vol. enc. 12\$00; br. . . .	7\$00
Luz perpetua — 1 vol. enc. 12\$00; br.	7\$00
Lingua de Prata — 1 vol. enc. 13\$00; br.	8\$00
Mudança d'Ares — 1 vol. br.	10\$00
Por terras estranhas — 1 vol. br.	4\$00
Meu (O) menino — (3. ^a edição), 1 vol. enc. 17\$00; br.	12\$00
Manual de Medicina Doméstica , indispensável em todas as casas (2. ^a edição), 1 vol. de 958 páginas, profu- samente ilustrado, encadernado em percalina.	35\$00

À venda em todas as livrarias

PEDIDOS A **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

ANTOLOGIA PORTUGUESA

ORGANIZADA PELO

Dr. Agostinho de Campos

Sócio Correspondente da Academia das Ciências de Lisboa

Volumes publicados:

Afonso Lopes Vieira, um volume.
Alexandre Herculano, um volume.
Antero de Figueiredo, um volume.
Augusto Gil, 1 volume.
Camões lírico, 1.º, 2.º, 3.º e 4.º volumes.
Eça de Queirós, dois volumes.
Fernão Lopes, três volumes.
Frei Luís de Sousa, um volume.
Guerra Junqueiro, verso e prosa, um volume.
João de Barros, um volume.
Lucena, dois volumes.
Manuel Bernardes, dois volumes.
Paladinos da linguagem, três volumes.
Trancoso, um volume.

Em preparação:

Camões lírico, 5.º volume.

Cada volume brochado. **12\$00**

Cada volume encadernado. . . . **17\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de ALEXANDRE HERCULANO

O Bôbo (Romance histórico). — 1 vol. com 345 páginas, brochado. 10\$00
Eurico, o presbítero, (Romance). — 388 páginas, brochado. 10\$00
O monge de Cister, (Romance). 2 vols. com 716 páginas, brochado 20\$00
Lendas e Narrativas — 2 vols. com 667 páginas, brochado. 20\$00
História de Portugal (Nova edição ilustrada com numerosos documentos autênticos). — 8 vols., brochado. 96\$00
Estudos sobre o casamento civil — 284 páginas, brochado 10\$00
História da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal — 3 vols., 1.139 páginas, brochado. 30\$00
Composições várias — 374 páginas, brochado. 10\$00
Poesias — 224 páginas, brochado. 10\$00
Cartas (Inéditas) — 2 vols. com 586 páginas, brochado. 20\$00

Opúsculos:

Vol. I *Questões públicas* — tomo I, 311 páginas
 » II *Questões públicas* — tomo II, 341 páginas
 » III *Controvérsias e estudos históricos* — tomo I, 339 páginas
 » IV *Questões públicas* — tomo III, 300 páginas
 » V *Controvérsias e estudos históricos* — tomo II, 323 páginas
 » VI *Controvérsias e estudos históricos* — tomo III, 309 páginas
 » VII *Questões públicas* — tomo IV, 294 páginas
 » VIII *Questões públicas* — tomo V, 324 páginas
 » IX *Literatura* — tomo I, 295 páginas
 » X *Questões públicas* — tomo VI, 310 páginas
 Cada volume, brochado. 10\$00

Scenas de um anno da minha vida e apontamentos de viagem, coordenação e prefácio de Vitorino Nemésio — 1 vol. de 324 páginas, brochado. 12\$00

Com encadernação em percalina, mais 5\$00 por volume

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O MESTRE POPULAR OU O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros por **JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA**

8.ª EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
 Rua da Condessa, 80 — LISBOA

VOCABULÁRIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

FOR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortóepico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APENDICE: O acôrdo ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.

1 VOL. COM 664 PAG., ENCADERNADO, **15\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

PUBLICAÇÕES ESTRANGEIRAS

O mais completo sortido de publicações francesas, inglesas, alemãs: semanais, quinzenais e mensais

Belas Artes — Cinema — Finanças
— Sports — Humorismo
— Música — Política — T. S. F. —
Técnicas e Científicas, etc.

Os melhores figurinos e revistas de modas, mensais e de estação, tais como:

Jardin des Modes — Vogue — Femina — Les Enfants — Lingerie — Les Ouvrages — Les Tricots — Modes et Travaux — Mode Future — Weldon's Ladies Journal — The Lady Fashion Book — Die Dame, etc.

JORNAIS FRANCESES, INGLESES E BELGAS

Acceptam-se assinaturas e vendem-se avulso na

LIVRARIA BERTRAND

73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Uma interessante edição cinéfila

AS PUPILAS DO SENHOR REITOR

DE JULIO DINIZ

Edição ilustrada com 32 heliogravuras representando cenas com os personagens que figuram no filme extraído da notável obra do grande escritor e com uma carta prefácio de *Leitão de Barros*

1 vol. de 332 págs., no formato de 26x18,5 esplendidamente impresso em bom papel, com uma lindíssima capa, broc. **15\$00**

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75
LISBOA



A dor envelhece

Ninguém gosta de aparentar idade superior à que tem; pelo contrário, alegramo-nos quando nos supõem mais jovens. Ora, infelizmente, a dor faz-nos parecer mais velhos. Tenhamos, pois, juízo, tomando um ou dois comprimidos de CAFIASPIRINA quando tivermos alguma dor. CAFIASPIRINA tira rapidamente a dor mais rebelde e restitui-nos um completo bem-estar e a alegria de viver.



Cafiaspirina

O PRODUTO DE CONFIANÇA



Quando os insectos ameaçarem o seu conforto e a saúde

Não desperdice dinheiro com insecticidas inferiores

O espectro das doenças continuará pairando em sua casa, sempre que adquirir insecticidas de qualidade inferior. Tais insecticidas constituem um perigo. Prometem-lhe protecção e todavia permitem que os insectos o torturem — expõem-no às doenças — não lhe dão o conforto e a segurança que procura.

Por medida de precaução, certifique-se de que é realmente FLIT que lhe dão. FLIT destrói de facto os insectos, matando-os.

FLIT pulverizado não mancha.

Exija a lata amarela com o soldado, a faixa preta e selada, para sua garantia contra as imitações.



PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE

CASA FUNDADA EM 1874

Premiada com medalha de ouro em todas as exposições a que tem concorrido. — DIPLOMAS DE HONRA na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa

TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo

Orçamentos Grátis

Rua Nova da Trindade, 80 a 92—LISBOA

Telefone 2 2074

PROPRIEDADE
DA LIVRARIA
BERTRAND

REDAÇÃO E
ADMINISTRAÇÃO:
RUA ANCHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: —
2 0535

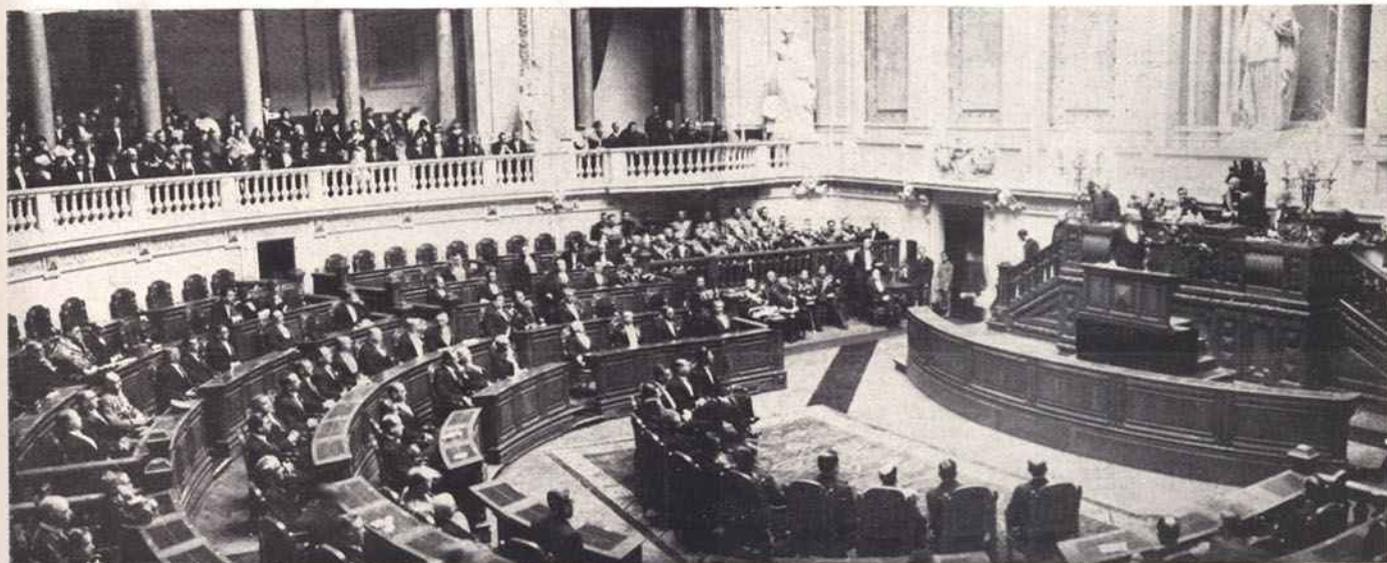
N.º 225 — 10.º ANO
1 - MAIO - 1928

ILUSTRAÇÃO

o grande revista portuguesa
Director ARTHUR BRANDÃO

Pelo carácter desta revista impõe-se o dever de registar todos os acontecimentos e publicar artigos das mais diversas opiniões que possam interessar assinantes e leitores afim de se manter uma perfeita actualidade nos diferentes campos de acção. Assim é de prever que, em alguns casos, a matéria publicada não tenha a concordância do seu director.

A cerimónia da posse e juramento do Chefe do Estado



REALIZOU-SE no dia 26 do corrente a cerimónia da posse e prestação do compromisso de honra do Chefe do Estado eleito, sr. general Carmona. As gravuras mostram: EM CIMA, um aspecto da sessão na Assembleia Nacional. AO CENTRO, À ESQUERDA, o Chefe do Estado e membros do Governo ouvindo a leitura da mensagem da União Nacional; À DIREITA, o sr. general Carmona lendo o seu compromisso de honra. EM BAIXO, a Assembleia escutando de pé o juramento e o sr. general Carmona com o sr. dr. Oliveira Salazar saindo do edifício do Congresso.

Varela Aldemira



O ilustre pintor Varela Aldemira, que tanto se tem devotado ao engrandecimento da Arte Portuguesa, também sabe manejar a pena como um escritor experimentado.

O seu livro «Arte e Psicanálise — O caso Freud — Leonardo de Vinci», constituído por três magníficas conferências que realizou na Sociedade Nacional de Belas Artes, é uma prova flagrante do que afirmamos. O que nos apresentará agora o ilustre artista? Uma tela preciosa ou um livro magnífico?

FIGURAS E FACTOS

Ouro pelos ares



A bordo dum trimotor chegaram no dia 14 a Alverca, 114 quilos e meio de ouro destinado ao Banco de Portugal. O facto teve interesse jornalístico pelo facto de ser a primeira vez no nosso país que a via aérea é utilizada para o transporte do precioso metal.

André Brun



ANDRÉ BRUN, o ssudoso humorista que não teve, até hoje, quem o substituisse, revive num livro póstumo «Consultório Psicológico» em que são tratadas «doenças do coração e miolo». Esta obra, tão interessante e sempre original, é apresentada pela ilustre poetisa D. Alice Oganho, numa derradeira homenagem a esse espírito cintilante que tão rapidamente se extinguiu.

Ao lermos este livro temos a impressão de que o seu autor cumpriu a promessa do grande João de Deus:

Que vindes cá fazer, ó mocidade?
Despediros de mim? quanto vos devo!
Também levo de vós muita sauidade
E em lá chegando à outra vida... escrevo.

E André Brun escreveu...

Turistas em Lisboa



LISBOA continua a ser ponto predilecto nas escalas dos turistas. Raro é o dia em que não desembarca grande número deles no nosso porto. Só no dia 22 passaram pela capital 529 excursionistas suecos e 441 polacos, de que damos acima um aspecto do desembarque.

Estudantes franceses



EM viagem de estudo, veio a Portugal um grupo de alunos do collegio de Hulst, de Paris, que eram acompanhados por M.^{me} Pimor directora daquele importante estabelecimento de ensino. Visitaram Lisboa e arredores, Coimbra, Alcobça, Batalha e Porto.

Inauguração de «O abrigo dos pequeninos», no Porto

REALIZOU-SE no passado domingo dia 20 a inauguração da Creche de S. Vitor denominada «Abrigo dos pequeninos», constituída no Porto com a participação do Estado.

Pelas suas magníficas instalações «O abrigo dos pequeninos» fica sendo um dos mais perfeitos estabelecimentos do seu género na Península. Possui uma «praia artificial», onde os bebés recebem tratamento de raios ultra-violetas, amplos e arejados refeitórios e salas de recreio, dependências sanitárias modernísimas, dispensário e gabinetes clínicos, etc.

A circundar o edificio há um vasto parque onde se encontra uma piscina para as crianças e vários divertimentos como trapézios e baloiços.

A cerimónia da inauguração foi comemorada com uma brilhante sessão solene a que presidiu o sr. capitão Fernando Brandão, secretario particular do sr. governador civil do Pôrto, que era ladeado pelos srs. bispo do Pôrto e D. Maria José Novais. Proferiram-se muitos discursos em que o benemérito concurso prestado a esta obra pelo sr. Alfredo de Magalhães, presidente da Comissão Administrativa da Câmara Municipal do Pôrto, foi posto em merecido destaque.

Após a sessão solene, deu-se inicio aos festejos que foram abrilhantados com fogo de artifício e bandas de música, e a que a população dos bairros de S. Vitor, das Fontainhas e de Gomes Freire se associou com regosio.

O sr. ministro das Obras Públicas e Comunicações, impossibilitado de presidir a esta solenidade, como era sua intenção, enviou o seguinte telegrama:

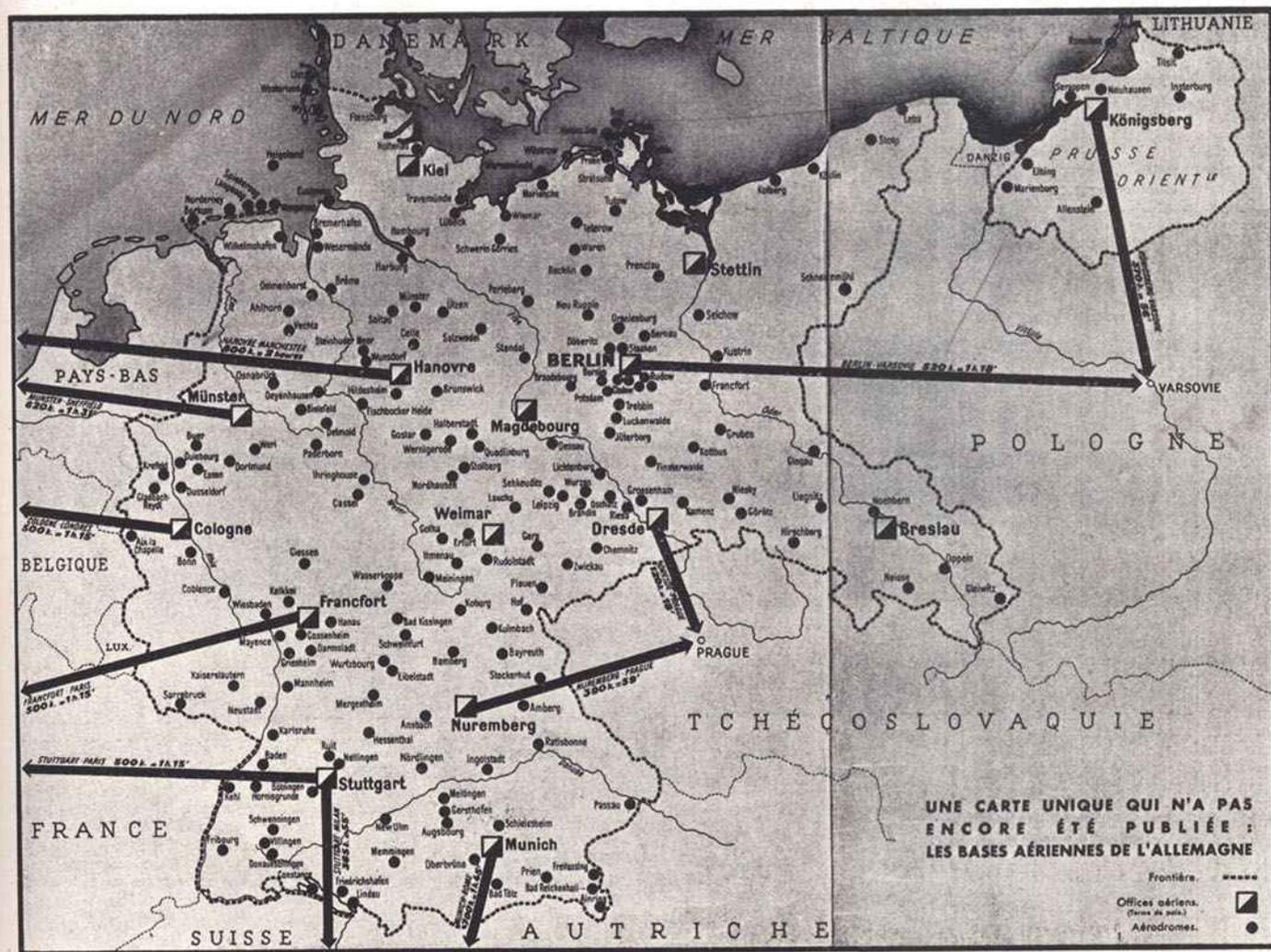
«Circunstâncias imperiosas impediram-me de corresponder ao gentil convite para assistir á inauguração dessa linda obra «Abrigo dos Pequeninos», criação do espirito civico do illustre presidente da municipalidade portuense. Lamentando-o sinceramente, envio as minhas felicitações e affectuosos cumprimentos. — (a) Duarte Pacheco».

O belo edificio do «Abrigo dos Pequeninos», cujo projecto é da autoria do distinto architecto sr. Rogério de Azevedo, fica constituído para a cidade do Porto um justo motivo de orgulho e está habilitado a realizar uma notável obra de assistência social.



UM DOCUMENTO SENSACIONAL

A aviação alemã ameaça a paz mundial?



A importância da arma aérea ficou plenamente demonstrada na Grande Guerra. Mas os progressos técnicos desenvolveram mais ainda a sua terrível eficiência e deram-lhe lugar predominante entre todos os meios de destruição.

No momento angustioso que a Europa atravessa, o perigo aéreo volta, portanto, a pairar sobre as populações como o mais cruel dos flagelos.

Pelo Tratado de Versalhes a Alemanha ficara proibida de ter aviação militar. Ninguém ignorava, porém, que de longa data ela sofismava essa cláusula. Era de resto fácil, a um país que tem uma aviação comercial desenvolvidíssima, instruir bons pilotos de guerra e construir aviões capazes de serem rapidamente transformados em aparelhos de bombardeamento ou caça.

O gesto violento do Reich, denunciando a parte militar do Tratado de Versalhes, teve como primeira consequência a reorganização oficial da frota aérea. Mas uma grande parte do trabalho de preparação realizado permanece ainda secreto por motivos facilmente compreensíveis.

O semanário parisiense «Marianne», num sensacional artigo de François Lucent, pretende revelar em que consiste essa preparação. Em lugar dos 62 campos de aviação oficialmente mencionados, a Alemanha possuiria 258, organizados de molde a poderem hostilizar todos os pontos vitais dos países vizinhos.

O mapa que acima reproduzimos e que foi publicado a acompanhar este artigo mostra a situação de alguns desses aeródromos e o poder ofensivo da aviação alemã. Por ele se vê o caminho que os aviões de bombardeamento seguiriam em caso de conflito com um país vizinho e o tempo que gastariam no percurso. Assim para Varsóvia poderiam convergir aviões de Berlim e Königsberg. Praga estaria sujeita aos ataques de Nuremberg e Dresde. As bases de Munich e Stuttgart seriam dirigidas contra a Itália. Stuttgart e Frankfurt poderiam ameaçar Paris. E Hanover, Munster e Colônia hostilizariam a Inglaterra.

Os ataques poderiam ser desencadeados duma maneira fulminante. Praga não dista para um avião de bombardeamento de Dresde mais de 18 minutos. Paris está a uma hora e um quarto de voo de Frankfurt ou Stuttgart. Londres levaria o mesmo tempo a atingir para os aviões saídos de Colônia.

Acrescente-se a isto que a aviação civil alemã utilizada em caso de guerra é computada em 2.600 aparelhos e ter-se-á uma noção da poderosa arma que os restantes países poderão ter de enfrentar dum momento para o outro.

Ao mesmo tempo, a Alemanha organiza intensamente a sua defesa anti-aérea. Significa isso que recebe represálias? Estes factos justificam tôdas as preocupações que pesam sobre a Europa nesta hora sombria e que a política alemã não tem feito senão acentuar.

Festas de caridade

NO POLITEAMA

Organizada por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que faziam parte as seguintes: D. Adelaide Temudo de Somer, D. Ana Rosa Fernandes, D. Elsa Nunes da Fonseca, D. Emilia Ivens Ferraz Cardoso Salgado, D. Irene Arruda de Andrade, D. Izabel de Mascarenhas Gentil, D. Maria do Amparo Mendes de Almeida Belo, D. Maria Camila de Almeida Fernandes, D. Maria Emilia Cabral da Silva, D. Maria Joana Sarmento Azevedo Furtado, D. Maria José de Lencastre Correia Viana, D. Maria de Ornelas Monjardino, D. Maria Rita de Albuquerque (Mangualde) e D. Maria Teresa de Barros da Costa Sacadura, realizou-se na tarde de quarta-feira, 24 de Abril último, no teatro Politeama uma festa de caridade, cujo produto se destinava a favor da benemérita Associação «Enxoval do Recem-Nascido», cuja obra humanitária tem por fim vestir milhares de crianças nascidas nas Maternidades de Lisboa, tendo conestado a festa da exibição do sensacional filme cedido pela firma «Filmes Castelo Lopes Limitada», «Se eu fosse patrão» e de vários números do seu vasto repertório, pela insigne artista sr.^a D. Margarida Cambom Brandão (Conchita Ulia), acompanhada ao piano pelo ilustre maestro compositor Frederico de Freitas, que ao terminar cada número receberam da selecta assistência, frenéticos aplausos.

A comissão organizadora deve ter ficado plenamente satisfeita com os resultados obtidos tanto financeiro, como mundano.

NO SÃO LUÍS CINE

A favor da «Associação Protetora das Crianças Pobres», realizou-se no São Luís Cine, gentilmente cedido pela empresa A. Ramos Limitada, na tarde de sexta-feira, 26 de Abril último, uma interessante festa de arte, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, sob a presidência da sr.^a condessa de Sabugosa e de Murça, e de que faziam parte as seguintes sr.^{as}: condessa de Almóster, condessa de Monte Real, condessa de Murça, D. Madalena Lopes de Brion, D. Margarida Mendes de Almeida Belo Ramos, D. Maria do Carmo da Cunha Correia de Sampaio, D. Maria do Carmo da Costa Lima, D. Maria Emilia Ferreira Ramos, D. Maria Gabriela de Sousa e Silva, D. Maria da Graça Diogo da Silva Teixeira, D. Maria Jacinta Azevedo Coutinho, D. Maria José de Mascarenhas Ataíde, D. Maria Luíza Freire Tôrres e D. Maria do Patrocínio Lane.

Constou o programa da exibição de filmes e de um acto de variedades, em que tomaram parte gentilmente D. Marina Dewander Gabriel e D. Laura Wake Marques, que deliciaram a selecta assistência com vários números de canto, D. Carolina Petzenik, executou magistralmente ao piano vários números e D. Graciete Branco Santa Rita e o actor Alexandre de Azevedo recitaram algumas poesias, recebendo fartos aplausos da assistência, que enchia o vasto salão do aristocrático «cine».

Festas como estas honram sobremaneira a comissão organizadora, sobre todos os aspectos, artístico, financeiro e mundano.

Casamentos

Em Sintra, realizou-se na paróquia de Santa Maria, o casamento da sr.^a D. Mariana Baptista Parda Monteiro, gentil filha da sr.^a D. Adelina Baptista Parda Monteiro e do sr. Bazilio Parda Monteiro, com o sr. coronel Victor Hugo da Mota Magalhães, filho da sr.^a D. Judite Mota Magalhães e do sr. Júlio Carlos de Magalhães, tendo servido de padrinhos os paes dos noivos.

Celebrou o acto religioso, o reverendo prior da freguesia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia religiosa, foi servido na quinta dos paes da noiva, um finíssimo lanche

VIDA ELEGANTE

da pastelaria «A Garrett», seguindo os noivos depois para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Para seu primo o sr. dr. Eduardo da Rocha Rodrigues Vilarinho, filho da sr.^a D. Rosa da Rocha Vilarinho e do sr. Raul Augusto Rodrigues Vilarinho, foi pedida em casamento pelo distinto clínico em Almada sr. dr. José Joaquim Gonçalves Ribeiro, a sr.^a D. Amélia Rosa de Magalhães Pereira, interessante filha da sr.^a D. Ermelinda de Magalhães Pereira e do sr. Manoel Pereira.

A cerimónia deverá realizar-se ainda este ano.

— Realizou-se na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, o casamento da sr.^a D. Rafaela Miguez Mejias, gentil filha da sr.^a D. Concepcion Marques e do sr. António Marques, proprietario e gerente do Grande Hotel Club das Caldas de Felgueiras, com o sr. Jaime dos Reis Chagas, filho da sr.^a D. Maria do Carmo dos Reis Chagas e do engenheiro sr. Joaquim Chagas, chefe dos Serviços de Correios e Telegrafos do distrito de Vizeu.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Margarida Tito, irmã da noiva e D. Júlia de Oliveira e de padrinhos os srs. António Marques, tio da noiva e o engenheiro Cassiano Maria de Oliveira, chefe de divisão da Administração Geral dos Correios e Telegrafos.

Terminada a cerimónia foi servido na elegante residência dos tios da noiva, um finíssimo lanche, recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Pela sr.^a D. Beatriz Mota Nunes da Silva, esposa do sr. Jaime Silva, foi pedida em casamento para seu filho Jaime, ilustre professor e compositor, a sr.^a D. Maria Adelaide Amoêdo Ribeiro interessante filha da sr.^a D. Elvira Amoêdo Ribeiro e do sr. António Gonçalves Ribeiro.

A cerimónia realizar-se-á brevemente.

— Na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.^a D. Elga Graça Frasco com o sr. Fortunio Carlos de Aguiar, tendo servido de madrinhas as sr.^{as} D. Corina Elisa Ribeiro Tôrres e D. Benvida de Aguiar, mãe do noivo e de padrinhos os srs. Marcelino Tôrres e João Carlos de Aguiar, pai do noivo.

Celebrou o acto o reverendo prior da freguesia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos paes do noivo, um finíssimo lanche da pastelaria «A Garrett», partindo os noivos depois para o Estoril, onde foram passar a lua de mel.

Aos noivos foi oferecido um grande número de valiosas prendas.

— Para seu filho Rui, foi pedida em casamento, no Porto, pela sr.^a D. Elisa da Rocha Leão Nogueira de Freitas, esposa do sr. dr. António Domingues de Freitas, a sr.^a D. Isabel de Castro e Lima, gentil filha da sr.^a D. Amália Henriqueta Viterbo de Castro e Lima e do engenheiro sr. Francisco José Ferreira de Lima.

A cerimónia deverá realizar-se ainda este ano.

— Realizou-se na paróquia dos Santos Reis, ao Campo Grande, o casamento da sr.^a D. Ruth Ferreira Gonçalves, interessante filha da sr.^a D. Clementina Ferreira Gonçalves e do sr. Júlio Gonçalves de Jesus, com o sr. José Domingues Passos, filho da sr. D. Bernardina Passos e do sr. António Passos, servindo de padrinhos os paes dos noivos.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido na elegante residência dos paes da noiva, um finíssimo lanche da pastelaria «A Garrett», rece-

bendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Em Coimbra, foi pedida em casamento pelo sr. dr. Augusto Eduardo Ribeiro, para o sr. Carlos Monteiro Madeira Carvalho, a sr.^a D. Maria Angélica de Carvalho, gentil filha da sr.^a D. Mariana de Jesus Perdigão Carvalho e do sr. António Joaquim Dárdio Carvalho.

A cerimónia realizar-se-á por todo o próximo mês de Julho.

— Na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se o casamento da sr.^a D. Maria Cândida Pires, interessante filha da sr.^a D. Júlia Pires e do sr. Carlos Augusto Rio de Carvalho, com o sr. José dos Santos Trabuco Júnior, filho da sr.^a D. Maria Marcelina Trabuco e do sr. José dos Santos Trabuco.

Foram madrinhas a sr.^a D. Júlia Elisa Homem de Figueiredo e a mãe do noivo, e padrinhos o sr. Francisco Homem de Figueiredo e o pai do noivo.

O acto religioso foi celebrado pelo reverendo prior da freguesia, que no fim da missa fez uma brilhante alocução.

Finda a cerimónia foi servido na elegante residência dos paes do noivo, um finíssimo lanche da pastelaria «A Garrett», recebendo os noivos um grande número de artísticas prendas.

— Foi pedida em casamento pela sr.^a D. Aurelina Gonçalves e por seu filho o sr. Adriano Gonçalves, para seu filho e irmão Inácio, a sr.^a D. Marina de Bragança Coelho Duarte, gentil filha da sr.^a D. Laura Bragança Duarte e do sr. Joaquim Coelho Duarte.

A cerimónia realizar-se-há ainda este ano.

Nascimentos

A sr.^a viscondessa de Botelho, teve o seu bom sucesso. Mãe e filha estão felizmente bem.

— Na Casa de Saúde de Benfica, teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Georgina Gerales de Lima e Cunha de Campos Melo, esposa do sr. José Maria Castro de Campos Melo. Mãe e filho estão de perfeita saúde.

— Teve o seu bom sucesso a sr.^a D. Amélia Wirtz Damião Dias, esposa do sr. Paulo Damião Dias.

Mãe e filha, encontram-se felizmente bem.

— Na Maternidade do dr. Alfredo Costa, teve o seu bom sucesso, com intervenção do ilustre cirurgião-professor sr. dr. Costa Sacadura, a sr.^a D. Maria Palmira de Souza Teles Romão, esposa do tenente sr. António Amaro Romão, e filha do brigadeiro sr. Casimiro Teles, sendo sua médica assistente a distinta doutora sr.^a D. Maria Leão.

Mãe e filho estão felizmente bem.

— No Porto, teve o seu bom sucesso, a sr.^a D. Maria da Ascenção Queirós Pascoal, esposa do sr. dr. Pereira Pascoal.

Mãe e filho encontram-se de perfeita saúde.

— Teve o seu bom sucesso, no Porto, a sr.^a D. Branca de Almeida Coutinho de Lemos Sotomaior e Avila, esposa do sr. D. Miguel Carlos Sotomaior e Avila.

Mãe e filho estão de perfeita saúde.

Baptizados

Realizou-se na Basílica da Estréla, o baptizado da menina Rosa Maria, gentil filhinha da sr.^a D. Maria da Assunção Teles da Gama de Mascarenhas e do sr. Alberto Teles da Gama de Mascarenhas, tendo servido de madrinha a sr.^a D. Eugénia Teles da Gama de Mascarenhas e de padrinho o sr. D. Domingos Teles da Gama (Cascais).

— Na paróquia de S. Mamede, realizou-se com muita intimidade, o baptizado da menina Maria Ruth, interessante filhinha da sr.^a D. Irene Desiré Bonnard Carvalho da Costa e do sr. António Taveira Carvalho da Costa, secretário particular do sr. tenente coronel Linhares de Lima, ilustre ministro do Interior, tendo servido de madrinha a sr.^a D. Edwiges Desiré Bonnard, tia materna da recém-baptizada, e de padrinho o sr. ministro do Interior, sendo o acto celebrado pelo reverendo prior da freguesia.

D. Nuno.

A PACIFICAÇÃO DO MUNDO

O desarmamento dos espíritos

é o único meio eficaz de lutar contra a guerra

A experiência e o bom senso ensinam-nos que, quando pelo mundo se fala muito em paz, no que se pensa sobretudo é em guerra.

É um facto de observação corrente que todas as conferências e apêlos a favor da paz dissimulam o receio duma nova guerra. Ora esse receio é, só por si, suficiente para pôr em movimento o fatal mecanismo que em 1914 lançou a Humanidade numa chacina estéril e monstruosa.

Na imaginação cândida de alguns pacifistas ingénuos, o medo é salutar. Pensam eles que se todas as nações recearem a guerra esta nunca se tornará uma realidade.

Era com uma utopia deste género que Alfred Nobel conciliava a sua consciência de pacifista ardente com a de inventor e fabricante da dinamite e outros terríveis explosivos. Em seu entender, desde o momento que as potências tivessem à sua disposição armas de espantoso efeito mortífero, nenhuma se atreveria a usá-las para não incorrer no risco de ser atacada por meios idênticos. Fabricando explosivos, Nobel cria, portanto, trabalhar em favor da paz mundial.

A História tem desmentido com notável constância, estas doces ilusões. O medo não é salutar. É falso que ele gere a prudência. Muito pelo contrário: alucina e conduz aos piores excessos.

Se dois adversários se temem, nenhum deles ignora que as probabilidades estarão todas do lado do que atacar primeiro.

Foi para remediar o perigo evidente que resulta da aplicação deste raciocínio primitivo

que se criaram os tratados e a especiosa definição de agressor.

Serão esses meios eficazes?

Poucos o crêem. Surgido o conflito é mais que certo que as cousas tomariam o rumo que as conveniências particulares de cada país determinassem. Aos tratados, e pactos, construções artificiais, substituir-se-iam as alianças, dissimuladas mas reais, baseadas nos interesses económicos e políticos e nas afinidades das raças. A guerra é a negação do Direito e pouca extensão teria o conflito que não subvertesse imediatamente este último.

Devemos concluir daqui que os conflitos armados são fenómenos inevitáveis no estado actual da civilização?

Assim o pretendem alguns. Mas os que não quiserem acompanhar esse critério pessimista podem formular esta pergunta:

Haverá algum meio eficaz de eliminar o perigo da guerra?

Em nossa opinião a resposta é afirmativa. A guerra pode deixar de ser o pesadelo da Humanidade. E o meio de o conseguir é realizar o desarmamento moral.

Pouco interessa à paz, as relações que as potências estabeleçam entre os seus armamentos. Cada uma delas não deixará por isso de procurar ter a maior eficiência dentro dos limites convencionados, e até de sofismar os seus compromissos. Ninguém acredita, tampouco, que se chegue, por uma progressiva redução, ao desarmamento total.

O que importa realizar portanto é o desarmamento dos espíritos. Educar as novas gerações no horror da guerra e na compreensão dos outros povos.

Os homens de 1914 não o souberam ou não o quiseram fazer. Por isso, dezassete anos após a chacina desumana, a Europa volta a ser sacudida por sobressaltos denunciativos de novas e terríveis crises.

Diz-se que a recordação da guerra está ainda bem viva nos espíritos. Mas esquece-se que as gerações de hoje, as que agora surgem para a vida, só a



conhecem de tradição e, quantas vezes, através de relatos que estimulam o seu apetite de heroísmo e glória.

É preciso desarmar, sem dúvida. Mas comece-se por desarmar os espíritos. Inculque-se à criança, desde a primeira idade, o ódio à guerra. Ensine-se-lhes a compreender os outros povos e ela acabará por estimá-los. Não se lhes dêem como modelos bravos guerreiros, mas sim sábios abnegados que sacrificaram a sua vida para minorar os sofrimentos da Humanidade. Diga-se-lhes, sem reticências, que Pasteur foi mais útil à causa da civilização do que Napoleão ou Alexandre Magno. E que é mais nobre perder um braço a lidar com o rádio, do que a pelejar com o inimigo.

No dia em que estes princípios formarem parte integrante da mentalidade geral, as armas enferrujarão esquecidas e inúteis. Quando muito serão exibidas nos museus, como documentos da nossa época e do nosso grau de civilização. E os homens terão compreendido, finalmente, que o planeta que habitamos ainda é suficientemente vasto para que nele caibam, em plena autonomia, todos os povos e todas as raças.

Devemos confiar em que essa obra se fará. Embora tudo nos indique que ainda vem longe a «idade de ouro» da paz universal, esboçam-se já movimentos de aproximação que com o tempo se tornarão, decerto, mais vastos e fecundos. Ainda há pouco, as crianças inglesas dirigiram um apêlo a favor da paz às crianças de todo o Mundo. E, em França, surgiu a simpática iniciativa de organizar campos de férias, onde as crianças francesas e alemãs se reúnem em alegre convívio.

Este desarmamento moral tem de fazer-se, porque dele depende o destino duma civilização que, nascida nas margens do Mediterrâneo, se expandiu por toda a face da Terra. E é preciso ser misantropo ou louco para pensar com indiferença que todo o fruto da evolução humana corre risco de perder-se numa pavorosa hecatombe.

Manuel L. Rodrigues.





Dois gazelas amorosas. O beijo das caracás e o das Alpaguinos.

A psicologia dos animais é uma ciência difícil. Quasi se pode dizer que não existe. E alguns serão mesmo levados a negar-lhe realidade, baseados no critério excessivamente simplista de que os animais não têm alma.

Compreende-se bem que a essência psíquica dos irracionais seja dificilmente acessível. Dentro da própria espécie humana as diferenças de raças erguem barreiras que são por vezes insuperáveis. Um europeu dificilmente poderá penetrar a razão íntima de certos actos dum oriental. A indiferença d'este último perante a morte parecer-lhe-á ilógica. E do mesmo modo se afigurarão absurdos, a um homem de raça amarela, certas manifestações do espirito individualista que caracteriza a nossa civilização.

Se todo o trabalho de interpretação psicológica é difícil quando se trata de indivíduos que conosco têm numerosas afinidades, não é de estranhar que êle se torça quasi impossível no caso de seres que de nós divergem em quasi todos os pormenores.

A esta dificuldade opõe a razão humana um artifício — o antropomorfismo. Onde o seu poder de investigação esbarra com grandes obstáculos, o homem vê um reflexo de si próprio. Foi assim que êle criou os deuses á sua imagem e semelhança e atribuiu ás forças naturais um poder anímico idêntico ao seu. No caso dos animais a tendência consiste em explicar as suas emoções e reacções segundo os princípios da psicologia humana.

É inútil acentuar que, no caso de que nos ocupamos, êste critério conduz a resultados falsos. E toda a nossa ignorância sobre a psicologia dos animais tem nisso a sua origem.

Portanto, sob um ponto de vista objectivo, attribuir crueldade ao gato pelo facto de êle brincar com o rato antes de o devorar, é um raciocínio pueril e errado. A crueldade é um sentimento humano

O beijo ardente de dois elefantes



que resulta do próprio facto de ser voluntário. No gato é uma tendência da espécie sem propósito consciente. Não é para devorar o rato que o gato brinca com êle. São antes os movimentos da perseguição e da luta que lhe despertam o instinto de devorar. Não há, pois, crueldade nessa manifestação vital.



PSICOLOGIA ANIMAL

O amor entre os irracionais

Como êles se comportam perante os conceitos de fidelidade, de ciúme e de amor aos filhos

Esta incapacidade humana em definir e compreender cabalmente a psicologia dos animais tem sido a origem de muitas fantasias. Assim, aos elefantes tem-se attribuído repetidas vezes um grande pudor. Diz-se que não se reproduzem na domesticidade porque não toleram a presença do homem ou outros animais. Alguns escritores têm ido ao ponto de dedicar páginas enternecidas á castidade desses colossos. E, contudo, nada mais falso. O pudor continua a ser um sentimento exclusivamente humano ou — como pretendia Balzac — exclusivamente masculino.

Os outros animais ignoram-no. Quando a fêmea foge ao macho não o faz por pudor, mas pelo conhecimento atávico do sofrimento que a fecundação representa.

É através d'este ponto de vista objectivo que se devem apreciar as reacções dos animais perante esse factor primacial que é o instinto genésico e a que convencionalmente chamamos amor. Deixaremos, contudo, êsse trabalho aos sábios. E vamos anotar algumas características amorosas dos animais, referidas aos elementos fundamentais da psicologia humana.

Começemos pela fidelidade, virtude que o homem desdenha em si, mas que exige ferozmente da mulher. Entre os animais, a fidelidade é rara. Alguns respeitam-na, porém, escrupulosamente.

As baleias, por exemplo, formam, na época dos seus amores, casais modelares. São animais muito affectuosos entre



O amor maternal de um chimpanzé

si. Mas este belo quadro matrimonial tem uma mancha. Passado esse curto período separaram-se, e a fêmea fica abandonada aos seus

cuidados maternos. Cabe dizer que põe no cumprimento desse dever uma enorme solicitude. Alguns pescadores têm observado baleias que, tendo-lhe morrido os filhos, seguem durante largo tempo os cadáveres que boiam á deriva.

Nos periquitos a fidelidade reveste aspectos comoventes. A morte dum dos cônjuges acarreta em geral a morte do outro. Quasi nunca é possível obter que o sobrevivente se adapte a um novo companheiro.

Diversas outras aves se poderiam citar como modêlos de fidelidade. As águias e os milhafres, conquanto pouco simpáticos, pertencem a esse número.

Alguns pássaros, depois de enviuvarem, consentem em contrair novas núpcias. Mas para manifestarem o seu luto nunca mais cantam.

Ao contrário do que se pode supor, o ciúme é pouco frequente entre as espécies animais. Pelo menos, sob a forma porque nós o entendemos. Em geral, o macho não parece esperar fidelidade da parte da fêmea. Não procura por isso vingá-lo quando é atraído. Mas tenta triunfar do rival e não raro se empenha com êle em terríveis duelos. Para certas espécies de aves cantoras, a luta é de trinados, e dura até que um dos contendores se fale extenuado. Para outras, é

Um tenro casal de tigras

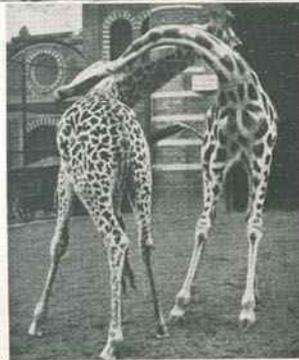


o combate sangrento, como succede entre os galos. O peru também pertence a esta categoria e, a despeito do seu aspecto cheio de gravidade, é um lutador feroz. Certos animais têm este instinto da rivalidade extraordinariamente desenvolvido. Um peixe chinês, o *beta*, vai ao ponto de se bater encarniçadamente com a sua própria imagem se acontece vê-la reproduzida num espelho.

Mas há casos em que o sentimento da honra é compreendido pelos animais dum maneira mais humana. Conta-se, por exemplo, que um curioso se lembrou certo dia de ir a um ninho de cegonhas e substituir um dos ovos por outro de espécie diferente. As aves não deram pelo lôgo, a incubação seguiu o seu curso e o individuo em questão organizou uma cuidadosa vigilância para poder observar as consequências do seu acto.

Passado tempo deu-se a ecllosão dos ovos. Ao ver que dum deles saía um animal de espécie diferente houve grande emoção no mundo das cegonhas. Vieram casais de longe para ver o fenómeno. Por fim, concluíram que houvera no caso leviandade da cegonha, que decerto dera ouvidos a galanteios de animal de espécie diferente. A pobre foi então expulsa do ninho á búcada. E o causador do facto teve de assistir de braços cruzados a essa tremenda injustiça.

O amor dos filhos também é diversamente interpretado pelas espécies animais. Como regra geral é a fêmea que deles se ocupa. Assim succede, pelo menos, com quasi todos os mamíferos. Mas entre os pássaros, o pai e a mãe manifestam igual sozi-



Garções de girafas

cidade pela prole. Em muitos casos, o macho reveza a fêmea na incubação dos ovos. Há, ainda, diversos animais em que o pai tem primazia em matéria de educação dos filhos. Entre as perdidizes é o macho que cria e toma conta dos perdigos, enquanto a fêmea, abusando desta benevolência, percorre os campos desprocuradamente.

Mas a maior vitória do feminismo encontra-se entre os hipocampus ou cavalos-marinhos.

O macho possui no abdomen uma cavidade especial onde conserva os ovos até á ecllosão das larvas. Chegado esse momento vai as expulsando para a água. Dêste modo, a função da fêmea fica reduzida ao mínimo.

BERNABÉ foi com a esposa à ópera. Estava anunciado o "Lohengrin" e como lhe tinham falado que aparecia um cisne em cena, tivera curiosidade de ir ver.

No fim do segundo acto, como ainda não tivesse aparecido qualquer cisne, Bernabé perguntou ao espectador sentado ao seu lado:

— Sabe dizer-me quando aparece o cisne?

— Qual cisne?

— O cisne do "Lohengrin"...

— Ah! O programa foi alterado e a ópera de hoje é a "Carmen".

Então Bernabé, voltando-se para a esposa:

— Vamos embora, Maria. A "Carmen", sei eu de cór.

— Teu marido ajuda-te nos trabalhos caseiros?

— Certamente. Não quero que êle tome hábitos femininos e comece a querer governar a casa.

— O homem de maiores qualidades que tem existido foi sem dúvida um tal chamado Ferreira. E contudo morreu sem que ninguém tenha reconhecido os seus extraordinários méritos...

— Mas como sabes tu isso?

— Porque casei com a viuva.

O médico: Quantos copos de vinho tem bebido por dia?

O doente: Quatro, senhor doutor.

O médico: Quatro! Mas eu disse-lhe para só beber dois.

O doente: É facto. Mas consultei outro médico que também me autorizou a beber dois copos.

— O que gosta seu marido para o almoço?

— Qualquer coisa que não há em casa.

Procópio visita um amigo no hospital:

— Não sabia que estivesse doente. Ainda ante-ontem te tinha visto com uma linda rapariga loura...

— Sim... também a minha mulher me viu.



Cêna dramática numa comédia de amadores:

O herói para o cínico — Senhor conde! O senhor reduziu-me à miséria, lançou o desespero no coração de minha pobre mãe e desviou minha mulher do caminho do dever. Mas, cuidado! Não ouse ir mais além...

Confidências de dois rapazes solteiros:
— Estou desolado! A Alice repeliu a minha declaração.

— Tenho a certeza de que a culpa foi tua. Devias começar por lhe dizer que não eras digno dela, mas que...

— Pois era isso mesmo que eu ia dizer. Mas ela disse-o primeiro.

Num circo:

— Aquê leão que ali vê já devorou quatro homens.

A senhora idosa e impressionável:

— Que horror! E não lhe podiam dar antes qualquer outra cousa para comer? Com a falta de homens que há...



*O burro: Podes dizer-me como aprendeste a correr tão depressa?
A zebra: Eu te digo. Foi no dia do Dilúvio, quando o sr. Noé fez a chamada para a arca por ordem alfabética...*

O caixeiro solícito: Por êste preço, minha senhora, não encontra nada de melhor no mercado.

A cliente: E quanto custa?

O caixeiro: Um momento! Vou perguntar ao patrão.

— Joãozinho, porque bateste na tua irmã?

— É que estávamos a brincar ao Adão e Eva e ela, em lugar de me tentar com a maçã, comeu-a.

— O seu bebé já fala?

— Não. Por enquanto ensinamo-lo só a estar calado.

— Porque não convidas a Helena para a tua festa?

— Meu marido não simpatiza com ela.

— Nesse caso, convida a Luiza.

— Essa não! Porque o meu marido simpatiza com ela.

— Tenho de ir para a escola hoje, mãizinha?

— Certamente, meu filho.

— Mas eu não me sinto bem.

— Doe-tê alguma coisa?

— Não. Mas não me sinto bem... na escola.

Um sujeito sai de casa já de noite, vê passar um indivíduo fardado e diz-lhe:

— Eh! Chame-me um taxi...

— Perdão, cavalheiro — diz-lhe o outro formalizado. — Eu não sou guarda-nocturno. Sou oficial de marinha.

— Perfeitamente. Nesse caso, chame-me um barco. É para ir dar uma volta e apanhar um bocado de fresco.

— Papá, porque é... — começou o Tónico pela centésima vez nessa noite.

— Olha — atalhou o pai já saturado — não conheces a história do menino que fez tantas perguntas que acabou por ser transformado num ponto de interrogação?

Tónico após um momento:

— E como conseguia êsse menino segurar o ponto por baixo dêle?

A posição de Portugal num grave momento da política europeia



A decisão da Alemanha, restabelecendo o serviço militar obrigatório e violando assim as obrigações tomadas pelo tratado de Versalhes, provocou a reunião no dia 20 em Genebra, a pedido da França, do Conselho da Sociedade das Nações. O ministro dos Negócios Estrangeiros francês, sr. Pierre Laval, apresentou aí uma moção de censura à Alemanha que o Conselho aprovou por unanimidade, com ausência da Dinamarca.

Portugal esteve representado nessa importante assembleia pelos srs. drs. Caeiro da Mata e Augusto de Vasconcelos. Usou da palavra em nome do nosso país o primeiro. Do seu notável discurso, que causou forte impressão entre os delegados estrangeiros, merece ser aqui arquivada a seguinte passagem:

«Para evitar os casos possíveis de futuras violações de tratados, sugeriu-se que os violadores sejam comparados aos agressores e que se lhes apliquem as sanções previstas no artigo 16.º do Pacto. Estas sanções seriam económicas e financeiras e entrariam em jogo pela primeira vez.

«Não vivemos nós todos numa época em que as restrições das importações e exportações, quotas de importação, auto-

rizações especiais de importação e tantas outras medidas análogas se aplicam indistintamente aos Estados amigos e inimigos enquanto que num passado não longínquo constituíam armas de guerra económica, que eram aplicadas exclusivamente como medidas de verdadeira agressão?»

A posição do nosso país perante os delicados problemas que afligem o Mundo e ameaçam a paz da Europa, foi assim brilhantemente definida num discurso que consagra o subtil talento diplomático do sr. dr. Caeiro da Mata. Assim o reconheceu a Imprensa estrangeira que comentou as palavras do delegado português.

As nossas gravuras representam: em cima a sessão do Conselho da S. D. N. no momento em que o sr. Pierre Laval fazia a leitura da sua moção; em baixo, o sr. dr. Caeiro da Mata com as pessoas que o foram esperar à sua chegada a Lisboa no dia 22 do mês findo.



Comemorações da Semana Santa e Páscoa

ESTA quadra religiosa do ano foi comemorada em Lisboa com a habitual solenidade. Quinta-feira de Endoenças trouxe para as ruas, de visita às igrejas, gente de todas as categorias sociais, irmanadas pelo mesmo sentimento de fé católica. Logo pela manhã os templos encheram-se de fieis, cuja afluência foi aumentando com o decorrer do dia.



À tarde, certas arterias da capital formavam um vasto mar humano. O trânsito só com dificuldade se fazia e no Chiado, por exemplo várias vezes esteve interrompido. Fez-se o habitual comércio de rosmaninho, flor simbólica desta época e uma das notas características da Semana Santa.

As cerimónias religiosas constaram, em quasi todas as igrejas, de missa solene, adoração de Jesus Sacramentado, desnudação dos altares, procissões, Lava-pés, Horas Santas e Offícios de Trevas. Prosseguiram na Sexta-feira da Paixão com Adorações da Cruz, missas dos Pressantificados e procissões do Enterro, e no sábado com as festividades da Aleluia.

As nossas gravuras representam: em cima à esquerda, a cerimónia do Lava-pés pelo sr. cardinal patriarca na igreja de S. Domingos; à direita a afluência de público à porta da igreja dos Mártires. Em baixo à esquerda, vê-se um grupo de crianças que tomaram parte na festa dos «Ovos da Páscoa» que uma benemérita comissão de senhoras levou a efeito no Jardim da Estrela, no domingo de Páscoa e a quem deram o seu concurso os palhaços «Gerico e Lusitano».



Retrato da sr.ª D. F. S. — óleo por Carlos Reis

que falar com as suas obras obscenas, esboçadas a carvão pelas paredes, e, então, havíamos de dizer-lhes com a maior indulgência: «Rapazes! assim é que se pinta, entenderam? Um marracho qualquer faz... Podem executá-lo o meu filho que tem dez anos e nunca aprendeu desenho, como o marçano da mercearia que me leva as compras a casa, e, enquanto espera, me dá cabo das paredes, garatujando «futurismos» que a minha criada — crítica severa, justa e inexorável — tem um trabalho enorme em limpar».

Mas como não podemos realisar uma tal aspiração, limitamo-nos a apontar as telas de Carlos Reis, e a recomendar com a esperança de que não seremos a voz que clama no deser-

Ante a Exposição Conselhos aos novos que

Melo, o mestre insigne de tantas obras primas, e que, enojado com tanta porcaria, se afastou de vós para não se confundir com «troca-tintas». Olhem para essa velhinha preparando-se para sorver uma deliciosa pitada. A vossa avósinha não cheirava rapé? Talvez não. Sois tão novos, tão inconscientes e tão ignorantes! De joelhos outra vez! Peçam perdão e prometam emendar-se das leviandades cometidas. David de Melo, que é bom e generoso, até vos achará graça e dará os seus conselhos saltares.

Margens do Tâmega — óleo por A. Saúde



A 32.ª Exposição da Sociedade Nacional de Belas Artes, a que fizemos referência no nosso último número, marcou um acontecimento artístico que há muito tempo não tínhamos o prazer de admirar. E, no entanto, há tão grandes artistas em Portugal!

Parêmos defronte dos três quadros expostos por Carlos Reis. O retrato da

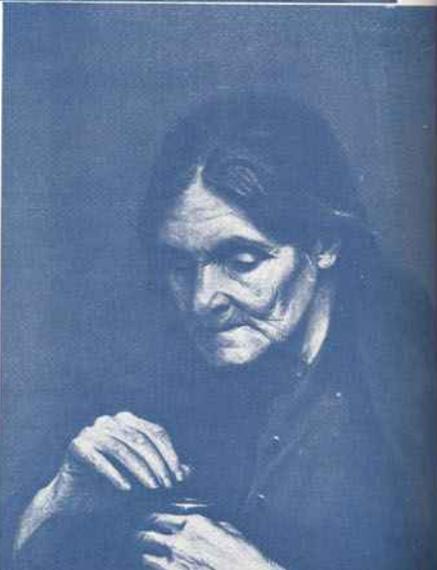


Retrato do escritor dr. Samuel Maia — óleo por D. Simone Tiersonnier Mata de Loureiro

to: — Aprendam a desenhar, rapazes... Depois, qualquer dúvida que possam ter, perguntem aos mestres que felizmente ainda temos e que não deixarão de vos dar o seu apoio generoso.

Levaremos os inovadores da Arte, que é tão antiga como o Mundo, diante dos quadros expostos por Veloso Salgado. Ajoelhem, vá! peçam perdão das ofensas feitas ao mestre, e vão para casa tentar imitá-lo, sempre de joelhos, como Fra Angélico pintava as suas obras. Olhem para aqueles bezerras que o mestre Veloso Salgado pintou como os teria pintado Miguel Angelo, Rubens ou Velasquez. Sim, porque a raça bovina não degenerou como infelizmente está degenerando a raça dos artistas. Depois, iremos junto das telas de David de

A pitada — óleo por David de Melo



das Belas Artes desejam ser artistas

E estas «Margens do Tâmega» do pintor António Saúde? Vinde vêr, que não perdereis nada com isso. O Tâmega é o nosso Jordão sagrado — fala-vos um tras-



A Vaga — óleo por Armando de Lucena



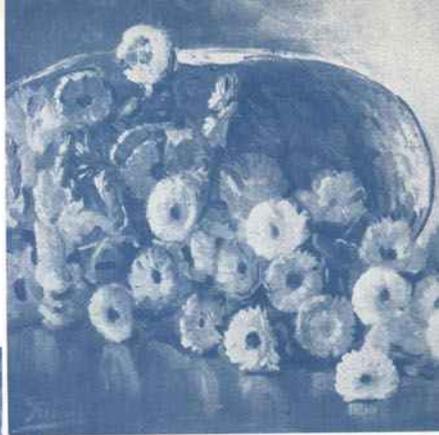
Mocidade — magnífico trabalho escultórico de Júlio Vaz Junior

dadeiro caminho da perfeição. Ajoelhai mais uma vez diante da «Mocidade» e aguardai a clemência divina que vos ha de trazer talento.

montano, um homem do Norte, cujos antepassados ajudaram a tomar Lisboa aos mouros — o Tâmega é o rio da purificação. Nêle receiveis o vosso baptismo artístico que vos redimirá do vosso pe-

cado original. Ajoelhai diante de António Saúde e pedi-lhe perdão das ofensas que lhe tendes feito, embora não ofenda quem quere.

Sois novos. Que tem isso? Tomai como vossa padroeira o gracioso mármore «Mocidade», do grande escultor Júlio Vaz Junior, que tereis encontrado a redenção. Vaz Junior, o artista excelso que até faz falar as pedras, ha de ensinar-vos o ver-



Maravilhas — óleo por D. Albertina Rodrigues Supardo

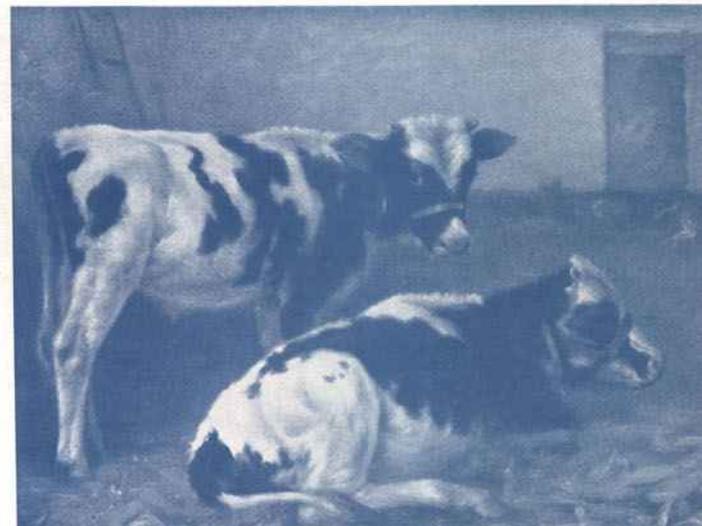
Parêmos, já agora, diante de «A vaga», de Armando de Lucena, o mestre que não deixará também de ensinar-vos a pegar num pincel. Ha vida, ha colorido, ha escultura falando ás pinceladas.

Agora, em frente do retrato do dr. Samuel Maia, óleo por D. Simone Tiersonnier Maia de Loureiro, deveremos fazer uma pequena paragem. O dr. Samuel Maia é hondoso, e, como amigo de todas as crianças, ás quais tem dedicado os seus maiores desvelos, não deixará de se condoer da vossa crância traquina e irreverente.

Pegareis, por fim, num cabaz de flores — as «Maravilhas» de D. Albertina Rodrigues Supardo — e ireis depô-lo, como oferta vôtiva, aos pés de tão grandes mestres.

Tereis cumprido um dever, e começareis uma aprendizagem que vos faz falta. Desejais ser sacerdotes da Arie? Muito bem. Adentro das possibilidades da vossa vocação procurareis fazer o melhor possível. Nem todos os bachareis são doutores de capêlo, nem todos os padres são bispos ou cardiais. — G. M.

Vigilante — óleo por Veloso Salgado





Napoleão Buonaparte, o consul que fez fusilar o duque de Enghien

De todos os crimes cometidos por Napoleão, o que mais o apoquentou com remorsos foi o assassinio do duque de Enghien, grande influente político, mas um adversário leal e nobilíssimo.

O valente Pichegru, cansado da tirania do primeiro consul Buonaparte, urdiu uma conspiração com Georges Cadoudal, na intenção de expulsar da França o aventureiro côrso que se apossara do mando. As suas victórias na Holanda davam-lhe um extraordinário prestígio junto do povo francês.

Em 15 de Fevereiro de 1804 foi descoberta a conspiração, verificando-se que tinha ramificações na Alemanha.

Napoleão não hesitou um momento. Dando largas ao seu espirito fogoso, capturou o valente general e fez atravessar o Reno, de surpresa, dois corpos do exército francês, tomando Kehl e Ettenheim, no territorio de Bade. Victória fácil, de resto, pois reinava uma paz absoluta. Foram effectuadas muitas prisões, contando-se entre os cativos o duque de Enghien, legítimo herdeiro dos Bourbon-Condé.

Pelo seu título — e só por isso — o duque de Enghien foi levado para Paris e encerrado no forte de Vincennes.

A ordem de Buonaparte era simplesmente a de darem cabo d'ele, fôsse como fôsse. O seu título de príncipe de Bourbon-Condé era um perigo para as instituições vigentes. Do Pichegru se encarregaria ele, mandando estrangulá-lo na prisão do Templo, onde o encerrara. Com effeito, o bravo general Pichegru appareceu, na manhã seguinte, estrangulado na sua própria gravata. Quiseram fazer crêr que se tratava dum suicidio.

General Charles Pichegru

Poucas horas decorridas após o encerramento do duque de Enghien no forte de Vincennes, estava reunido um conselho de guerra que sentenciou o preso à pena última.

As três horas da madrugada, Harel foi buscá-lo à prisão e pediu-lhe que o acompanhasse.

— Onde me conduzis? — perguntou o duque de Enghien — prefiro morrer a ser enterrado vivo numa enxovia húmida e sem luz.

Harel teve um repente de compaixão, mas, fiel às indicações recebidas, limitou-se a responder-lhe:

— Segui-me, Senhor e apelaí para toda a vossa coragem!

O duque inclinou-se sem pronunciar uma única palavra. Foram seguindo. À esquina do pavilhão da rainha, o duque deparou com os soldados que o haviam de fusilar.

Nessa altura, o official leu-lhe a sentença.

Apercebendo-se então de que estava condemnado à morte e que ia ser executado imediatamente, o duque pediu um padre que o ouvisse de confissão. Responderam-lhe que não havia nenhum, nem no forte, nem na aldeia. Pediu então que um official se encarregasse de ouvir as suas últimas vontades, e, sob palavra de honra, as fizesse cumprir, pois nada tinha de subversivo ou atentatório contra as instituições vigentes.

Ofereceu-se o tenente Noirot, com

quem se tratava dum suicidio.

— Onde me conduzis? — perguntou o duque de Enghien — prefiro morrer a ser enterrado vivo numa enxovia húmida e sem luz.

Harel teve um repente de compaixão, mas, fiel às indicações recebidas, limitou-se a responder-lhe:

— Segui-me, Senhor e apelaí para toda a vossa coragem!

O duque inclinou-se sem pronunciar uma única palavra. Foram seguindo. À esquina do pavilhão da rainha, o duque deparou com os soldados que o haviam de fusilar.

Nessa altura, o official leu-lhe a sentença.

Apercebendo-se então de que estava condemnado à morte e que ia ser executado imediatamente, o duque pediu um padre que o ouvisse de confissão. Responderam-lhe que não havia nenhum, nem no forte, nem na aldeia. Pediu então que um official se encarregasse de ouvir as suas últimas vontades, e, sob palavra de honra, as fizesse cumprir, pois nada tinha de subversivo ou atentatório contra as instituições vigentes.

Ofereceu-se o tenente Noirot, com quem se tratava dum suicidio.

— Onde me conduzis? — perguntou o duque de Enghien — prefiro morrer a ser enterrado vivo numa enxovia húmida e sem luz.

Harel teve um repente de compaixão, mas, fiel às indicações recebidas, limitou-se a responder-lhe:

— Segui-me, Senhor e apelaí para toda a vossa coragem!

UM CRIME DE BUONAPARTE

Mandou fusilar Enghien e estrangular Pichegru que lhe dificultavam a marcha às suas ambições

as lágrimas nos olhos. O duque, depois de lhe dizer algumas palavras ao ouvido, cortou uma madeixa de cabelos, tirou o anel de ouro que levava no dedo mínimo da mão esquerda e entregou tudo ao official. Tirou, por fim, uma carta da algibeira e pediu-lhe que, juntamente com os outros objectos, fizesse chegar tudo às mãos da condessa de Rohan-Rochefort. Em seguida, voltando-se para Harel, disse-lhe:

— Estou pronto para o sacrificio! Eram três horas da madrugada. Soou uma descarga...

As seis horas da manhã, Savary dava conta ao primeiro consul de que as



suas ordens tinham sido fielmente cumpridas.

No entanto, o processo tinha sido julgado e a sentença fôra executada antes da chegada do juiz Rêal que deveria interrogar o preso. Era da lei.

As 10 horas da manhã, como satisfação, o juiz Rêal recebia em sua casa o seguinte relatório:

Vincennes, 30 Ventôse, ano XII da República Francesa.

De Harel, chefe de batalhão, comandante de armas, ao conselheiro de Estado, Rêal, encarregado da instrucção e da direcção de todos os assuntos referentes à tranquillidade e à segurança interior da República.

Cidadão conselheiro:

Tenho a honra de vos comunicar que o individuo chegado em 29 do presente ao castelo de Vincennes às 5 horas e meia da tarde, foi, no decurso da mesma noite, julgado por um conselho militar, fusilado às 3 horas, e enterrado na praça que tenho a honra de comandar.

Tenho a honra de vos saudar com o mais profundo respeito.

HAREL.

A carta que o duque de Enghien confiara ao tenente Noirot para ser entre-

gue à condessa de Rohan-Rochefort dizia apenas:

Minha querida amiga:

Apressei-me a voltar-te a voltares tão depressa quanto possível para junto de teus pais. Assim como tenho a certeza de que vou ser assassinado, estou convencido de que a tua morte será infalivelmente decidida pelo Tirano.

Agradeço-te esse amor que tão fielmente conservaste por mim, e espero vêr-te num outro lugar melhor. Adeus.

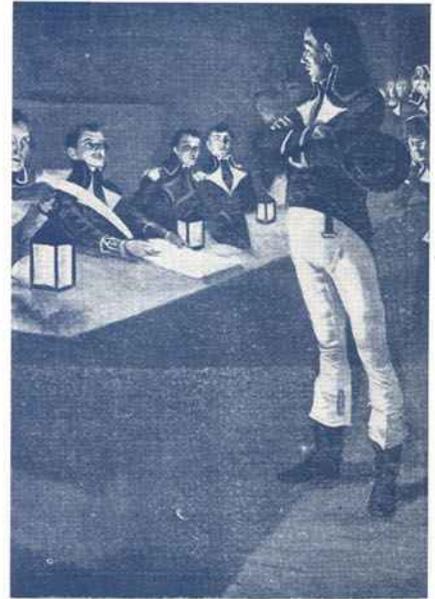
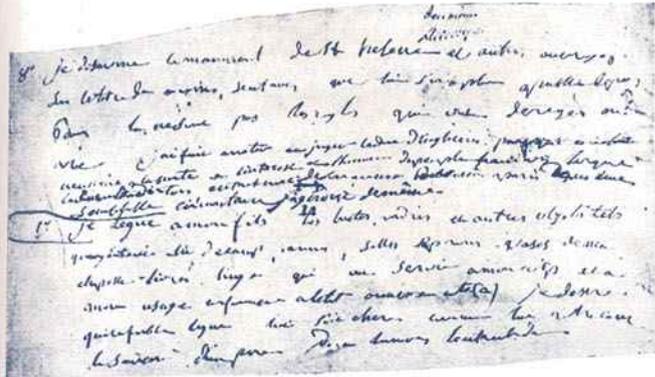
ENGHIEN.

Este crime foi cometido em 1804. Pois, dezassete anos decorridos, Napoleão tentava explicar com o seu testamento, garatujado em Santa Helena, a razão do fusilamento do pobre príncipe.

"Mandei prender e julgar o duque de Enghien — diz Napoleão — porque isso era necessário à segurança, interesse e honra do povo francês, visto manter em Paris, com o seu consentimento, sessenta assassinos. Num caso semelhante, eu procederia, ainda hoje, da mesma maneira..

O ambicioso do 19 brumário esquecia-se de que o seu acto de rebeldia poderia ser considerado, em face da lei, como um crime de alta traição contra a Repú-

Página do testamento de Napoleão em que tenta desculpá-se do assassinio do duque de Enghien



O simulacro de julgamento do duque de Enghien

blica que o fizera gente. Esquecia-se ainda de que o duque de Enghien era um francês que se batia pelo que ele julgava ser o bem da Pátria, virtude que nunca bafejou o côrso renegado que considerou pátria onde melhor o tratassem e mais garantias lhe dessem.

Queixava-se amargamente no seu testamento de que fôra vítima de traições.

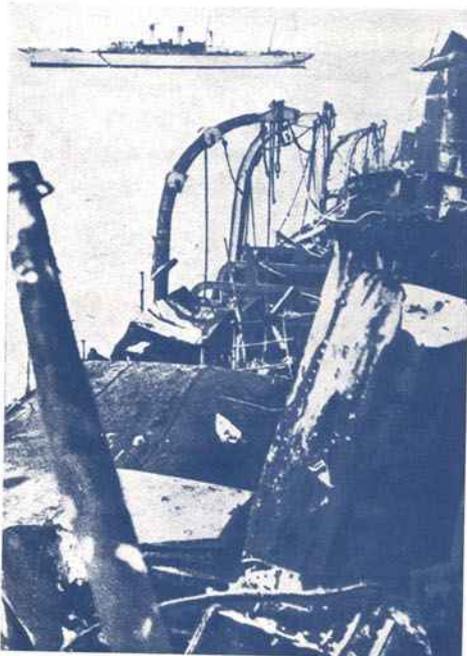
"Môrro prematuramente — dizia ele — assassinado pela oligarquia inglesa e pelo seu sicário; o povo inglês não tardará a vingá-lo-me.

"As duas desgraçadas invasões da França, quando ela tinha tantos recursos, são devidas às traições de Marmont, Augereau, Talleyrand e La Fayette. Perdô-lhes; possa a posteridade francesa perdoar-lhes como eu!"

Isto parece duma grande magnanimidade, se nos esquecermos de que Napoleão estava preso.

Naquele momento, impossibilitado de qualquer rasgo de energia, que havia de fazer senão perdoar? Ele, o Buonaparte da Corsega, o apologista da «vendetta», patenteava uma generosidade que estava longe de sentir. Poupava os seus inimigos por não poder estrangulá-los como fez ao Pichegru...

Perdoava. Outro tanto não fez Enghien, ao ser assassinado no fôso de Vincennes.



O triste fim do "Emden" mandou os comandantes dos

cruzadores a bordo do "Emden", a fim de exporem as dificuldades de aprovisionamento de carvão, e que, por esse motivo, havia sido resolvido que toda a frota seguisse, a toda a pressa, para a costa ocidental da América. O comandante do "Emden", capitão de fragata Von Müller, salientou, nesse momento, as inúmeras vantagens a tirar na conservação dum cruzador no Oceano Índico, onde as condições eram particularmente favoráveis à guerra de corsário.

Como seria de calcular, o "Emden" foi designado para esta arriscada missão. A esquadra aparelhou, e, no dia seguinte, o barco almirante proclamava:

"Liberdade de manobra ao "Emden". Boa sorte!"

Seguido do barco "Markomania", que conduzia víveres e munições, o "Emden" seguiu para as ilhas de Sonda e Oceano Índico.

Começou então a caça aos navios mercantes. Um primeiro "raide" no golfo de Bengala, permitiu-lhe meter a pique quatro barcos britânicos: o "Indus", o "Loyal", o "Killin" e o "Diplomat". Pouco depois, o "Emden" tomou como objectivo a rota comercial Madrastra-Calcutá.

Alemanha continuava a armar-se, na ânsia de atrair um desafio supremo ao mundo inteiro. Hitler, disfarçado de Bismark tenta arremedar as ambições inconcebíveis de Guilherme II. Apesar das cláusulas do Tratado de Versalhes, os estaleiros germânicos trabalham activamente na construção de barcos de guerra.

Voltarão os horrores de há vinte anos?

Vem a propósito recordar o trágico fim do corsário alemão "Emden", que tão célebre se tornou pelas suas proezas. Esta narrativa é feita sobre os dados fornecidos pelo príncipe Francisco José de Hohenzollern, filho do ex-kronprinz, que fazia parte da oficialidade do referido cruzador.

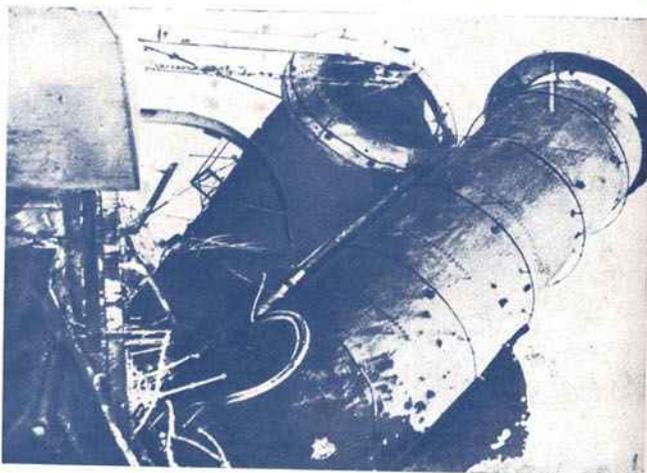
No dia 1 de Agosto de 1914, o "Emden" encontrava-se em Tsing-Tao, base alemã no Extremo-Oriente. Logo que recebeu aviso da mobilização, completou as suas provisões de carvão, víveres e munições, e fez-se ao mar.

Três dias depois, no estreito de Tsushima, capturou o paquete russo "Riasan" que, conduzido a Tsing-Tao, foi transformado em cruzador auxiliar.

No dia 12 de Agosto apareceu na baía de Pagan, nas ilhas Marianas, onde se encontravam reunidos todos os barcos da esquadra alemã do Extremo Oriente: os cruzadores "Scharnhorst", "Gneisenau", "Nuremberg" — que deveriam ser, mais tarde, metidos a pique por uma frota inglesa nas ilhas Falkland — e muitos navios carvoeiros.

O vice-almirante Von Spée, chefe da esquadra,

O último arranque do famoso corsário



EVOCACÃO

Como acabou o famoso que no começo da Grande Guerra

Dois vapores, o "Traboch" e o "Clan-Matheson" foram saqueados e metidos no fundo, após a retirada das tripulações.

Em 22 de Setembro, o "Emden", bombardeou durante a noite a cidade de Madrastra. Dos cento e vinte e cinco obuses atirados sobre a cidade, alguns atingiram os depósitos de petróleo que logo se incendiaram. Os prejuízos foram enormes.

Entretanto, o "Emden" continuava as suas proezas. Nas paragens de Colombo, afundou o "King-Lud", o "Tymerek", o "Ribera" e o "Foyle", tendo as tripulações sido transferidas para bordo dum outro barco capturado, e deixadas ao seu destino.

Alguns dias decorridos, três barcos comerciais, o "Clan-Grant", o "Pourabel" e o "Benmohr", apanhados entre Colombo e Miniskoi, foram igualmente mandados para o fundo do mar.

Em 27 de Outubro, efectuou o "raide" sobre Pulo-Penang.

Disfarçado com uma quarta falsa chaminé, o "Emden" conseguiu entrar no porto e torpedear o cruzador "Yemtchoug", que, partido em dois, acabou por se desfazer por entre pavorosas explosões. Deixando Pulo-Penang, o "Emden" encontrou o contra-torpedeiro francês

"Mousquet", cujo comandante, iludido pela falsa chaminé, supôs tratar-se dum navio de guerra inglês. O "Emden" abriu fogo a 4.300 metros sobre o "Mousquet", que, apesar da sua inferioridade, se defendeu heroicamente.

Crivado de obuses, o barco francês

DOLOROSA

cruzador alemão "Emden" espalhou a morte e a destruição

começou a afundar-se. Tinha a bordo trinta e sete sobreviventes, a maior parte dos quais gravemente feridos, que foram recolhidos pelo cruzador alemão. Este, sempre sedento de aventuras, tomou o rumo da ilha Direcção, onde a Inglaterra tinha uma importante estação radiotelegráfica. A intenção de Von Müller era destruí-la e cortar o cabo submarino que ligava a Austrália às Índias Inglesas.

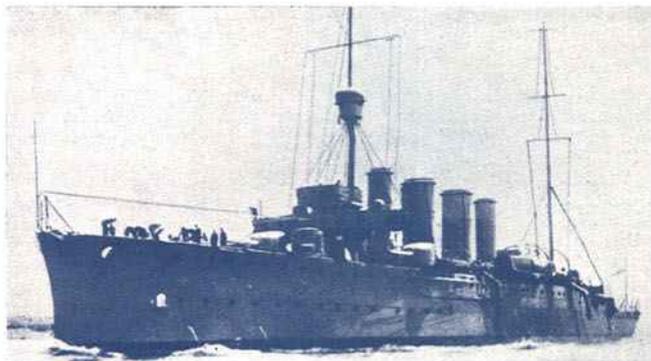
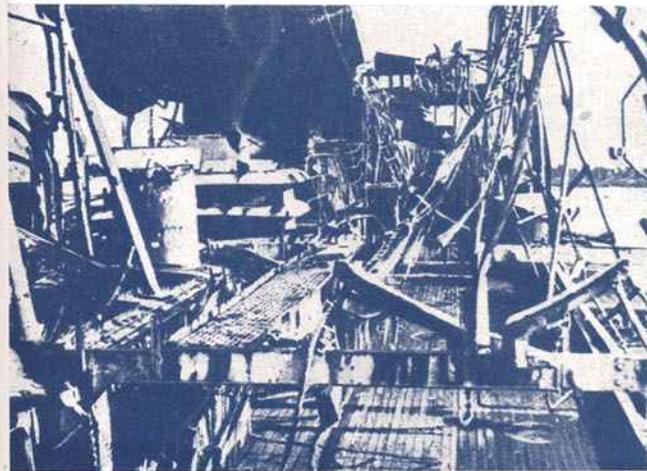
Com efeito, ao raiar de alva de 9 de Novembro, o "Emden", sempre disfarçado com a chaminé falsa, apresentou-se diante da ilha Direcção, e às 7 horas, começou a desembarcar um destacamento. Mas os empregados da estação, dando pelo lôgro, apressaram-se a lançar alfitivamente o apêlo: "Navio estrangeiro no porto."

Enquanto se efectuava o desembarque, foi assinalado fumo para o norte. Von Müller não se preocupou com isto, pois esperava o "Buresk" que devia trazer-lhe carvão. Tinha-lhe marcado encontro na ilha. Instantes depois, o vigia assinalava que o navio que se aproximava a toda a pressa era um barco de guerra, e içava o pavilhão britânico.

Agora o caso era mais sério. Não se tratava já de afundar um barco de carga, de bombardear uma cidade aberta, de torpediar, por surpresa, um navio ancorado num porto, ou de despedaçar sob um fogo intenso um contra-torpedeiro, valendo-se dum disfarce.

O "Emden" tinha, desta

Após o combate



O cruzador australiano "Sydney" que desmontou o "Emden"

vez, pela proa, um adversário da sua categoria: o cruzador australiano "Sydney" que, tendo recebido a alfitiva comunicação dos empregados da estação da ilha, correria logo sobre o inimigo.

Eram 9,40, quando, a 9 mil metros, começou o combate. O fogo do "Sydney" não foi, a princípio, muito eficaz, ao passo que os obuses do "Emden" atingiam o alvo. Por fim, tendo regulado o tiro, o cruzador australiano fez chover uma saravada de projecteis sobre o alemão que tentava ripostar com a maior valentia.

Mas o seu esforço não podia durar muito. Os serventes das peças, ou se encontravam mortos ou feridos. As transmissões eléctricas não funcionavam, e os poucos tiros que empregava erravam o alvo. Duas das chaminés tinham sido demolidas. As máquinas fraquejavam. O leme, atingido duas vezes, tornara-se inútil, sendo impossível manobrá-lo a braço.

Nisto, um obuz foi cair sobre um "stock" de munições. A explosão matou

todos os tripulantes que se encontravam próximos, declarando-se, em seguida, o incêndio. Momentos depois, toda a pópa estava transformado num enorme brazeiro. A ponte apresentava-se literalmente juncada de cadáveres.

Entretanto, o fogo do "Sydney" prosseguia sem desfalecimentos. Os canhões do "Emden" foram, um após outro, reduzidos ao silêncio. Quando Von Müller viu toda a sua artilharia fora de combate, tentou o último esforço. Para salvar o que restava da sua tripulação, não hesitou em atirar com o "Emden" para cima dos recifes da ilha Keeling, da qual, durante o combate, se havia aproximado. Deu a ordem: "Avante tudo!". Dali a momentos, o terrível corsário, encachado entre os rochedos, era um montão de destroços.

O "Sydney", aproximando-se, içou o sinal: "Rendeis-vos?"

Von Müller, que destruiu o código de sinais e os documentos secretos de bordo, não compreendeu a pergunta que lhe era feita. Limitou-se a responder, por meio do alfabeto Morse: "Não tenho código de sinais."

O "Sydney" voltou a abrir fogo.

Foi então que Von Müller percebeu, e mandou arrear o pavilhão germânico, e içar a bandeira branca da rendição.

As perdas do "Emden" foram as seguintes: mortos, 8 oficiais e 126 marinheiros; feridos, 2 oficiais e 63 marinheiros. Todos os sobreviventes, feridos e válidos, foram transportados para o "Sydney". Quanto ao destacamento que desembarcara na ilha Direcção, e que o "Emden" abandonara para combater, refugiara-se numa pequena embarcação pertencente a um habitante da ilha, não voltando a ser visto.

O cruzador australiano pouco sofrera. Os feridos, transferidos para bordo dum cruzador auxiliar, receberam o curativo de que careciam. Chegando a Colombo, os oficiais do cruzador alemão enviaram um apêlo ao rei Jorge V a pedir que, por favor especial, os autorisasse a conservar a sua espada.

Tal foi o fim do terrível corsário "Emden".

O filão das cartas amorosas de Napoleão é inexgotável. Além do leilão de 318 missivas do famoso côrso a sua segunda mulher, arquiduquesa Maria Luiza, efectuado em Londres, e que o governo francês adquiriu como documentação dos anos de 1810 a 1814, apareceram, há dias, na capital britânica, novas cartas a aguçar o apetite dos colecionadores de autógrafos napoleónicos.

Uma carta do imperador, relativa à oportunidade da ida de Maria Luiza à ilha de Elba, atingiu o preço de 300 libras esterlinas. Sempre cuidadoso com a sua esposa e, sobretudo com o pequenino rei de Roma, Napoleão aconselhava-a, na sua habitual ternura epistolar pessimamente caligrafada, a seguir para Aix, afim de se restabelecer duma doença que a ingrata inventara com fins preconcebidos.

O ingénuo Napoleão rematava a sua carta com este apêlo: "Trata da tua saúde para o teu velho amigo e para o teu filho que tem necessidade de todos os teus carinhos."

Bem se importava a imperatriz com o marido que lhe tinha sido imposto, e pelo filho que apenas lhe servia de impêchilo na vida livre que desejava levar!

Napoleão era terno nas suas cartas, mas idêntico estilo usava para todas as outras mulheres, desde que lhe agradassem.

Missivas semelhantes escrevera à sua primeira mulher, Josefina, à própria enteada Hortênsia, a Maria Walewska e a tantas outras que levariam muito tempo a enumerar...

Tendo sido nomeado comandante em

chefe do exército de Itália, Napoleão escrevia a Josefina nestes carinhoshos termos:

Chanceaux, 14 de Março de 1796.

Minha querida amiga:

Escrevi-te de Châtillon e enviei-te a minha procuração para que recebas várias quantias que me devem... A cada instante me afasto mais de ti, adorável amiga, e a cada instante encontro menos força para estar afastado de ti.

És o objecto perpétuo do meu pensamento. A minha imaginação esgota-se a procurar o que tu fazes.

Se te vejo triste, o meu coração frange-se, e a minha dôr aumenta; se estás alegre e satisfeita com as tuas amigas, censuro-te por teres esquecido tão depressa a dolorosa separação de três dias. És leviana e, portanto, não te sensibilizas com qualquer sentimento profundo. Como vês, não sou fácil de contentar; mas, minha boa amiga, tudo se modifica se receio que a tua saúde se altere, ou que tenhas razões para estar desolada por motivos que não posso adivinhar. Então, tamento a velocidade com que me afasto do teu coração.

Sinto verdadeiramente que a tua natural bondade não exista para mim, quando eu, só depois de estar convencido de que nada tens que te apoquente, é que posso estar satisfeito. Se me preguntam se dormi bem, sinto, antes de responder, a necessidade de receber um correio teu que me assegurasse que te encontras des-

Napoleão e Josefina com a sua côrte em Fontainebleau



QUANDO UM CÔRSO ERA UMA CRIOLA

As apaixonadas cartas de amor trocadas entre Napoleão e a imperatriz Josefina

Tôdas as frases da tua carta ficaram gravadas no meu coração. E com que ternura êle te responde! Meus, Bonaparte. Tôda a minha vontade é aguardar-te, amar-te e mais ainda — adorar-te!

JOSEFINA.

Ah! não te alegres demasiado. Sê um pouco mais lancôlica, e sobretudo que a tua alma esteja isenta de máguas, como o teu corpo de doencas: tu sabes o que diz acêrca disto o nosso bom Ossian.

Escreve-me, minha terna amiga e muito longamente. Recebe mil e um beijos do mais sincero e verdadeiro amor.

NAP.

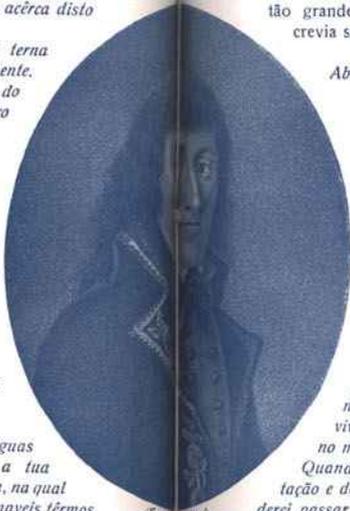
Josefina, que nunca sentira qualquer espécie de afeição pelo marido, fingia corresponder à paixão dêste com uma esprezeta de crioula educada, culta e inteligente. E, então, respondia com uma ternura capaz de comover as próprias pedras:

Tôdas as minhas máguas desapareceram ao lêr a tua carta tão tocante e tão boa, na qual me exprimes nos mais amáveis termos tôda a profunda sinceridade do teu amor por mim.

Como te sou reconhecida por te ocupares assim da tua Josefina! Podes gabar-te de dares uma grande alegria à mulher que amas.

Uma carta é um reflexo da alma. Por isso coloco a tua sobre o meu coração. Faz-me bem guardá-la-ei sempre assim. Ha de consolar-me durante a tua ausência, e servir-me de guia quando estiveres perto de mim, porque desejo sempre para ti a boa e terna Josefina, tôda entregue à tua felicidade.

Se uma grande tristeza vier cobrir a tua alegria, será no seio da tua amiga que tu deves ocultar as tuas máguas ou as tuas venturas, porque de tôdas partilhará. Todos os meus desejos se reduzem a agradar-te e a tornar-te feliz.



BUONAPARTE.

*General en Chef Le marechal
Né à Ajaccio le 15 août 1769.*

Meus, Bonaparte. Tôda a minha vontade é aguardar-te, amar-te e mais ainda — adorar-te!

Quês dias depois, Napoleão, convencido da tristeza que a esposa aparentava em face duma tão grande ausência, escrevia, escrevia sempre:

Abril de 1796.

Minha boa amiga:

Desde que te deixei, tenho andado sempre triste. A minha maior felicidade seria estar junto de ti.

Faço passar sem cessar na minha memória os teus beijos, as tuas lágrimas, o teu amavel ciúme, os teus encantos incomparáveis.

Alumia sem cessar, minha Josefina, uma chama viva nos meus sentidos e no meu coração.

Quando, livre de tôda a inquietação e de todos os trabalhos, poderei passar todos os meus instantes junto de ti, ter apenas de te amar e não pensar mais do que a felicidade de to dizer e provar?

Nunca supuz que te amasse tanto. Queria-te muito, mas depois que te deixei, sinto que te amo mil vezes mais ainda. Ah! suplico-te que me deixes vêr alguns dos teus defellos. Sê menos bela, menos graciosa, menos carinhosa e menos terna. Sobre tudo não seas nunca ciumenta, nem chores. As tuas lágrimas tiram-me a razão e queimam-me o sangue.

Crê que não está mais na minha mão. Não posso ter um pensamento que não seja para ti, nem uma ideia que não te esteja submissa.

Sossega e trata da tua saúde, aguardando o momento em que possas vir juntar-te a mim. Ao menos, antes de morrer, poderemos dizer ainda:

«Fômos tão felizes durante tantos dias!»

Milhões de beijos — mesmo para o "Fortuné", apesar de tôda a sua ruindade.

NAP.

O "Fortuné", era um cachorro que Josefina tinha em grande estimação. Quando Napoleão se casou, foi dar com êle comodamente instalado no leito nupcial. Como o enxotasse, o tóto ferrou-lhe os dentes numa canela, deixando-o muito maltratado. Entretanto, a esposa declarava perentoriamente que o lugar do cão era ali, e ninguém, fôsse quem fôsse, lho tiraria. O formidável guerreiro cedeu a tal ponto que, mesmo fóra da França, repartia os beijos com o cachorro para lisongear a mulher.

Um belo dia, Josefina aparentou ciúmes. Como a pimenta, uma pitadinha de ciúmes dá um certo paladar ao guisado do amor.

Diz-lhe então:

Julho de 1796.

A minha saúde melhorou, embora me sinta um pouco abatida.

Tive conhecimento de que travêste em Brescia conhecimento com muitas senhoras, entre as quais uma senhora Te... Sinto ciúmes e é grande a minha inquietação.

Recebi boas noticias das crianças. Vão bem e encarregam-me de te enviar as suas manifestações de afecto.

Espero que me consigas um alojamento em Brescia, na cidade.

Beijos ternos da tua

JOSEFINA.

Napoleão apoquentava-se e tenta dissipar os receios da sua querida esposa.

28 de Julho de 1796.

As necessidades do exército exigem a minha presença nestes arredores. Torna-se-me impossível afastar-me para ir a



A imperatriz Josefina — Paris de 1804

Milão. Ser-me-iam precisos cinco ou seis dias, e, entretanto, poderia chegar a ocasião dos movimentos em que a minha presença é util.

Asseguras-me que a tua saúde é boa. Peço te, portanto, que venhas a Brescia. Acabo de enviar Murat a preparar-te um alojamento na cidade, como tu desejas.

Julgo que farias bem ir dormir em 4 de Agosto em Cassano, devendo chegar no dia 7 a Brescia, onde te espera o mais terno dos amantes.

Desespero-me, minha querida, ao saber-te pensar que o meu coração poderia abrir-se para outra que não fosses tu. Pertence-te por direito de conquista, e esta conquista será sólida e eterna.

Não sei porque falas de M.^{me} Te... que pouco ou nada me agrada, como, de resto, tôdas as mulheres de Brescia.

Adeus, minha querida amiga, dá-me sempre noticias tuas e vem o mais rapidamente possível juntar-te a mim.

Sê feliz e sem inquietações. Tudo corre bem, e o meu coração é teu por tôda a vida.

Saúde, amor, e vêr-te chegar prontamente a Brescia.

Tenho em Milão uma carruagem que tanto serve para a cidade como para o campo. Serve-te dela para fazeres a viagem. Trazte contigo as tuas pratas e uma parte dos objectos que te são mais neces-



Josefine de Beauharnais

sários. Irei ao teu encontro no dia 7, o mais longe possível.

Mil beijos ternos.

Adeus, minha Josefina.

NAP.

Por fim, Napoleão tem ciúmes não só pelo que calcula, mas pelo que lhe dizem com baldas certas. No seu desabafo, o côrso não deixa de ser o terno amante de sempre:

Verona, 1796.

Que afeição pode sufocar e pôr de lado o terno amor que tens provado ao teu esposo?

Quem poderá ser o maravilhoso amante que absorve os teus momentos e os teus dias, e impede de te ocupares do teu marido?

Toma cautela, Josefina, que uma bela noite arrombarei as tuas portas e estarei junto de ti.

Môrro de inquietação, minha boa amiga, por não receber notícias tuas. Escreve-me uma longa carta cheia dessas coisas amáveis que fazem palpitar o meu coração dos mais ternos sentimentos e me dão tanto prazer.

Éspero apertar-te bem cedo nos meus braços e cobrir-te dum milhar de beijos tão quentes como se fôsem dados sôb o ceu do Equador.

NAP.

O tempo vai correndo. O côrso extasia-se ante os seus triunfos. Escreve à mulher a dar-lhe conhecimento da batalha de Austerlitz, "a mais bela das que ainda travou: 45 bandeiras, mais de 150 canhões, os estandartes da guarda russa, 20 generais e 30 mil prisioneiros, mais de 20 mil mortos..." E Napoleão conta a sua esposa, minuciosamente, tôdas estas coisas para se tornar admirado. Salieta com orgulho: "O imperador Alexandre,

desesperado, tomou o caminho da Rússia..." Poderia ambicionar-se maior êxito? Diz, em seguida: "Vi ontem, no meu bivaque o imperador da Alemanha. Conversamos durante duas horas ficando combinado fazer a paz, o mais depressa possível. Eis que chega, enfim, a tranquilidade ao resto do mundo. Os ingleses não se atreveriam a fazer-nos frente."

E remata com êste madrigal: "Anseio pelo momento que me aproxime de ti", como se a crioula Josefina fôsse a sua mais bela conquista!

Pobre triunfador! Dias depois, o vencedor de Austerlitz rojava-se diante da viuva do guilhotinado visconde de Beauharnais, suplicando piedade:

28 frimário, ano XIV.

Grande imperatriz:

Nem uma carta após a vossa partida de Estrasburgo.

Passastes em Bade, em Stuttgart e em Munich sem nos escrever uma palavra. Isto não é amor nem ternura!

Tenho-me conservado em Brunn. Os russos partiram. Tenho uma trêgua. Dentro em pouco verei o que devo fazer.

Dignai-vos, do alto da vossa grandeza, ocupar um pouco de tempo com os vossos escravos...

NAP.

Querem maior subserviência? A ironia que ali transluz é só para os outros, no caso da carta ser mostrada. Ofende o



Visconde de

Beauharnais

belo sexo, mas às escondidas da esposa que, a-pesar-de tudo, lhe absorve todos os pensamentos. Como esta obtenha conhecimento das suas expressões, escreve-lhe a desculpar-se com uma tática de colegial inexperiente:

Querida amiga:

Recebi a tua carta em que pareces ofendida pelo mal que eu digo das mulheres. É verdade que eu detesto profundamente as mulheres intrigantes.

Acostumei-me às mulheres bondosas, meigas e conciliadoras. São estas que eu aprecio. Se elas me afagam, a culpa não é minha, mas tua.

De resto, tu verás que tenho sido muito bom para uma que se mostrou sensível e bondosa, Madame d'Hatzfeld. Quando lhe mostrei uma carta de seu marido, disse-me, entre soluços, com uma profunda sensibilidade, e ingenuamente:

"Ah! é bem esta a sua letra!" Quando leu, fez-me pena. Disse-lhe: "Muito bem, senhora. Deite essa carta ao fogo, que eu não terei fôrça para fazer punir o seu marido". Ela queimou a carta e pareceu-me satisfeita. O seu marido podia estar tranquilo. Duas horas mais tarde, estaria perdido...

Como vês, gosto das mulheres bondosas, sensíveis e ingénuas. É que só essas se parecem contigo.

Adeus, minha amiga, continuo bem.

NAP.

As infidelidades de Josefina eram conhecidas por tôda a gente, embora avolumadas, como sempre acontece, pelo velho sistema do "quem conta um conto, acrescenta-lhe um ponto". Napoleão era informado do que se passava, ou pelas meias palavras maldosas de Talleyrand ou pelas insinuações rancorosas das próprias irmãs que nunca puderam ver com bons olhos a cunhada. Napoleão sabia que Josefina não levava uma vida irrepreensível. Daí o estar constantemente a avisá-la de que "uma bela noite, chegaria de surpresa, arrombaria as portas da sua casa e chegaria junto do leito da esposa sem se fazer anunciar". Recomendava-lhe cautela, portanto. Mas não seria capaz de cumprir a ameaça.

O côrso de origem italiana que dominava povos era um desastrado em matéria amorosa.

O visconde de Beauharnais estava bem vingado!

Gomes Monteiro.

A vida internacional do desporto português vai passar no domingo próximo, com a realização de mais um encontro de football com a selecção espanhola, uma jornada de esperança e incerteza, mas altamente emotiva para todo o apaixonado pelas coisas desportivas.

O football português têm atravessado na sua existência crises angustiosas a par de períodos compensadoramente gloriosos; mas nunca alcançou a vitória que mais grata seria a todos, sobre os espanhóis, amigos e vizinhos, grandes mestres em matéria de bola redonda.

A-pesar do escrupuloso cuidado posto pela Federação e pelo seleccionador na preparação do grupo nacional não julgamos que seja desta vez possível o triunfo. Sem querer discutir o valor actual do football português, em franca evolução, parece-nos certo reconhecer um abaixamento de classe no mérito absoluto dos jogadores mais em destaque. Os altos expoentes de há alguns anos desceram de nível pela força do tempo e os novos não os substituíram sem prejuízo.

Esperemos que o entusiasmo, a vontade e a energia dos rapazes a quem couber o honroso e ingrato dever de defesa das nossas côres, consiga suprir a diferença de técnica e de classe realizando o milagre ou, se tanto não puder ser, ditando ao adversário um resultado que prestigie a nossa reputação.

rença na interpretação das regras e o terreno de relva absolutamente desconhecido para os nossos jogadores, embora ponderáveis e de influencia importante, não chegam para anular os efeitos desastrosos dos 33 pontos a 12 que os espanhóis nos ofertaram.

Não felicitamos a Federação Portuguesa de Basket pela sua decisão, aceitando um convite da última hora sem previamente se assegurar das condições

traram superioridade sobre uma selecção lisboeta que merece apenas o título de grupo misto, tão fantasista era a sua constituição; dois dias depois o clube campeão de Lisboa, melhor ligado, animado duma formidável energia, logrou uma merecida vitória, mas, de qualquer das vezes que pobreza de rugby e que confusão de jogadas! Ainda este ano não assistimos a exhibições da modalidade, cuja actividade a Associação pretendeu louvavelmente re-ender; não será, no entanto, pelos processos que vimos empregados nas Amoreiras que o rugby da capital virá a pro-

gredir. Seja qual fôr o jogo ou o desporto, a velocidade e a subtilidade primam sempre a força e a violencia; o critério contrário nunca produz consequencias vantajosas nem realiza propaganda eficaz.

A QUINZENA DESPORTIVA

técnicas a que sujeitava os seus representantes. As desculpas de arbitragem, de regras, do campo, não têm valor quando apresentadas depois da derrota. Os dirigentes tinham obrigação de conhecer todos esses pormenores antes do jogo, e evitar ao desporto português uma punição severa e que, afinal, é nos anais a única que perdura. Melhor fôra a abstenção.

A visita dos "rugbymen," madrilenos à nossa cidade, mais agradável sob este ponto de vista dos resultados, não deixou saudades quanto à qualidade do jogo praticado.

Os dois encontros disputados deram uma vitória a cada partido: Madrid venceu Lisboa por 6-5 e o Gimnásio venceu o Madrid F. C. por 11-8.

Na primeira partida, os espanhóis mos-

A aprovação, na generalidade e na sua base primeira, do projecto de lei sobre a reforma da educação física nos estabelecimentos do ensino secundário, apresentado à Assembleia Nacional pelo sr. cap. Henrique Galvão, constitui um acontecimento importantíssimo para o futuro do problema.

Dentro duma orientação definida, temos repetidas vezes apreciado na "Ilustração," as questões magnas relacionadas com os métodos gymnásticos inventados em Portugal para uso interno. Julgamos a decisão agora tomada pela Assembleia Nacional duma importância capital para o futuro da educação física e do desporto portugueses, devendo por coerência consagrar-lhe o relêvo que merece e chamando para ela o agradecimento de quantos, pela acção ou pela simpatia, colaboram na obra de revigoração da raça.

Embora tivesse ficado em suspenso e na dependência dos estudos duma comissão a nomear pelo Governo, o estabelecimento das bases pedagógicas e médico-pedagógicas sobre as quais deve assentar o ensino da educação física liceal, a simples aprovação, na generalidade, do



EM CIMA: a patrulha vencedora do concurso escotista de Os Sports. — A DIREITA: a selecção lisboeta de Rugby que defrontou a equipe madrilenha

Enquanto se preparava o grande acontecimento, a luta luso-espanhol, estabeleceu-se com sorte vária noutras modalidades, o rugby e o basket-ball, o primeiro em Lisboa, o segundo em Madrid.

O I Portugal-Espanha em basket pode considerar-se uma desagradável surpresa, pois a pesada derrota que sofremos veio em contrário de todas as previsões. As diversas razões explicativas alegadas, tais como a dife-



projecto e ainda das suas bases orgânicas, traduz claramente da parte da Assembleia o intuito de promover, enfim, a modificação do lamentável actual estado de coisas.

As práticas gymnásticas e desportivas — que o decreto vigente aponta como nefastas e condenáveis — são consideradas hoje, em todos os países cultos, meio de educação nacional que proporciona destreza, fôrça, virilidade, disciplina, auto-confiança e espírito de decisão à mocidade, canalizando e sublinhando os seus instintos de luta, preparando-a para tôdas as exigências da vida social de hoje, em que avultam as necessidades da defesa nacional.

Esperamos, e connosco espera todo o País, que esta primeira vitória da educação física racional abra caminho ao funeiral definitivo da triste gymnástica passiva, passando por cima de quaisquer interesses pessoais criados, pois, dentro da doutrina tanta vez preconizada pelo sr. dr. Oliveira Salazar e que traduz o catecismo da Nação, os interesses da individualidade estão sempre subordinados aos interesses da colectividade.



A importância do escotismo na educação da mocidade, reconhecida em todo o mundo, tem encontrado reflexo em Portugal numa propaganda crescente da ideia, lançada em franca evolução progressiva. O número de grupos legalmente constituídos aumenta de maneira significativa e a actividade por êles manifestada traduz bem o empenho dos dirigentes e o interesse dos filiados.

O jornal "Os Sports", que ao escotismo tem dado, ultimamente, grande impulso, organizou um interessantíssimo concurso de patrulhas, duma utilidade flagrante mas que, pela novidade, não encontrou infelizmente no meio o acolhimento que merecia.

Apezar do escasso número de concorrentes que reuniu, o certame teve, pelo menos, o condão de "desmentir certas afirmações e mostrar o infundado das descrenças de quantos pessimistas

Em Paris, realizou-se o annual carroussel hippico com a novidade da inclusão de motos a par dos cavalleiros



Cambridge-Oxford, a mais importante prova classica de remo, disputou-se há dias; Cambridge, cujos remadores aqui apparecem em pleno esforço, triumphou novamente com facilidade

infestam ainda o movimento escotista nacional e de revelar a toda a gente aquilo de que são capazes os nossos escoteiros, quando possuem dirigentes à altura da sua missão e aparece alguém com iniciativa, espírito organizador e desinteressada dedicação pela causa da mocidade».

O concurso decorreu sem incidentes, dentro da máxima disciplina, e se, de facto, não teve a grandeza possível e desejável, valorizou-se pela perfeição com que fôram executadas as diversas provas e também pela alegria reconfortante e entusiasmo sem desfalecimentos de todos os rapazes que nêle tomaram parte. Outra nota interessante do concurso foi, sem dúvida, a da assistência desusadamente numerosa em acontecimentos desta natureza, o que prova a excelente obra de propaganda realizada por seu intermédio.



Se, como atrás referimos, os dirigentes do football português têm empenhado o seu melhor interesse na preparação do grupo nacional representativo, noutros países onde a actividade internacional é mais vasta, êsse interesse manifesta-se ainda com maior exuberância.

A França, por exemplo, tem caminhado êste ano de desilusão em desilusão, acumulando derrotas ou fracassos equivalentes. Preocupados com o facto, dirigentes e jornalistas estudam a fôrma de remediar a situação, alvitando cada um sua solução, algumas curiosas e inéditas.

O presidente Rimet reuniu recentemente os críticos desportivos num almôço amigável e expôs-lhes a idéa nova da criação duma equipa federativa permanente, recrutada entre os melhores jogadores clubistas que seriam, enquanto a sua fôrma o justificasse, subtraídos às competições clubistas para viver exclusivamente sob a autoridade directa dos poderes supremos.

Football, o órgão official francês, apreciava favoravelmente o projecto, apontando as vantagens da reunião, durante um ano, dos melhores elementos, que adquiririam assim o indispensável espírito de equipa, e a necessária unidade no sentido tático e nos métodos técnicos; lucraria a representação nacional cujo valôr subiria de nível e cujas manifestações se poderiam tornar mais freqüentes, e lucrariam os jogadores, com menor sacrificio, uma situação financeira idêntica à que lhes seria proporcionada nos clubes.

Embora se nos não afigure facilmente realizável, a idéa não deixa de ser curiosa e digna desta referência, pois demonstra a importância concedida além fronteiras às embaixadas footballistas que os poderes portugueses encaram com absoluta indiferença.



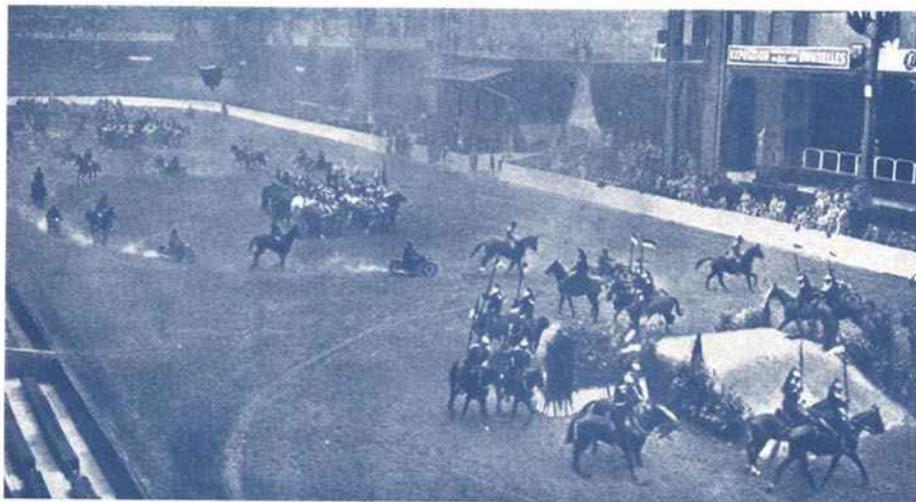
A actividade ciclista da quinzena limitou-se à disputa do I Grande Prémio da Montanha, organizado em Sintra, na estrada que conduz da vila ao palácio da Pena.

A iniciativa era interessante e de novidade entre nós, mas a prova não reuniu a inscrição dos valores consagrados no meio, que a consideraram talvez insufficiente para a sua categoria.

Os novos, porém, accorrem dispostos a afirmar a sua classe e galgaram a dura ladeira numa velocidade impressionante, imprimindo à corrida um aspecto de combatividade que não permitiu saudades dos ausentes.

Os triumphadores foram dois ciclistas que a Volta a Portugal de 1934 nos revelara, Filipe de Melo e Ildefonso Rodrigues, que foram deixando atrás de si todos os adversários, travando um duelo formidável de energia que o primeiro decidiu a seu favor nos últimos metros da escalada.

Salazar Carreira.



POR ÊSSE MUNDO...

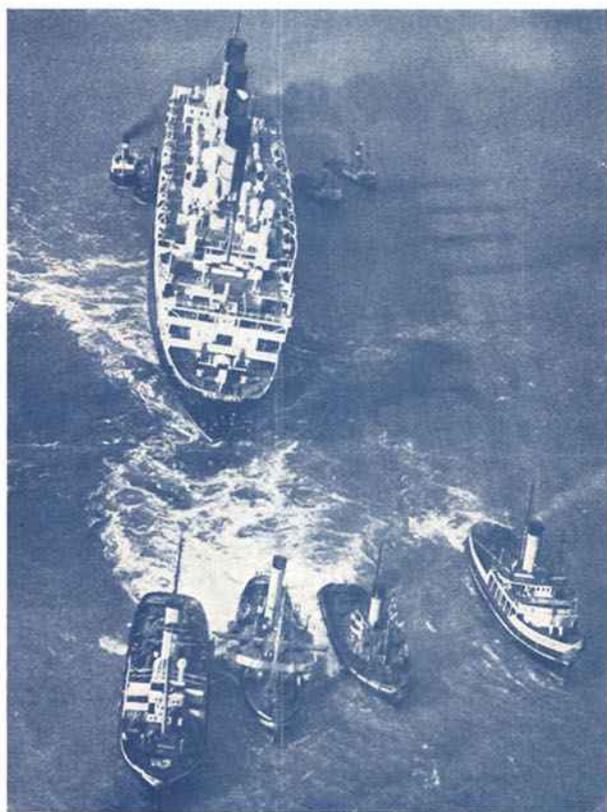
Autogiro aquático



LA Cierva, o inventor do autogiro, realiza experiências para adaptar flutuadores aos seus aparelhos, de modo a poderem pousar no mar como os hidro-aviões. Vê-se aqui o primeiro autogiro desse género até hoje construído.

O encalhe dum transatlântico

A gravura da direita, feita dum avião, mostra as tentativas para safar o «Aquitania» que impellido pelo vento encalhou numa floresta submersa, perto de Southampton, onde esteve imobilizado durante 25 horas. O grande transatlântico saiu indemne do percalço.



Uma queda aparatosa



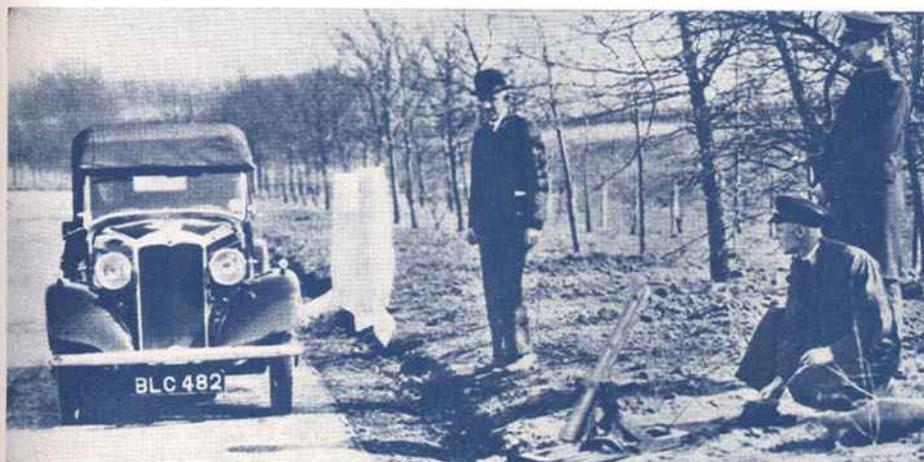
Um acidente pouco vulgar e que não teve, felizmente conseqüências, foi o ocorrido ao desportista inglês R. N. Cond, a quem se quebrou a vara no momento em que realizava um salto, vindo enterrar a cabeça no tapete de arca.

Descarrilamento dum «rápido»



O comboio rápido Bayona-Paris sofreu um descarrilamento de que resultou a morte dum ferroviário, dum comerciante russo e dum advogado francês. A foto mostra um aspecto do desastre, vendo-se os vagões voltados sobre a via.

Instrução de «chauffeurs», da polícia britânica



Os «chauffeurs» da Polícia inglesa são submetidos a um intenso treino, a fim de poderem executar o difícil serviço que deles se exige. Vê-se aqui uma catapulta projectando um fardo que simula um transeunte distraído, a fim de habituar os «chauffeurs» a evitar os atropelamentos. Segundo parece, o método tem dado os melhores resultados.

Nascimento de Shakespeare



EM Straford-on-Avon comemorou-se no dia 23 o nascimento do genial dramaturgo inglês Shakespeare, que vemos aqui representado num quadro de J. F. Rigaud.



garantir o efeito das suas doutrinas com o exemplo das suas virtudes! Era pouco, muito pouco... Onze séculos depois, crucificaram Jesus por idêntico motivo.

Budha resumia as suas doutrinas em cinco mandamentos: 1.º Não matarás nenhum ser vivo, desde o insecto até o homem; — 2.º Não roubarás; 3.º — Não beberás vinho nem outras bebidas embriagadoras; 4.º — Não cometerás adultério; 5.º — Não mentirás.

Depois, expandindo os seus ensinamentos, reprovava com toda a espécie de argumentos e exemplos, o adultério, as desavenças, o ódio, as palavras ociosas, os desejos imoderados, a inveja, a idolatria e a mortificação.

«Se todos conhecessem como eu — dizia Budha — os frutos da esmola, ainda que estivessem reduzidos ao mais es-

tritamente necessário, não comeriam o último bocado de pão, sem dar uma parte dele. E se encontrassem pessoas dignas da sua esmola, não subsistiria no seu espírito a ideia do amor próprio, se é que chegou a nascer. Mas como todos não conhecem o fruto da esmola, como eu, comem com ansia inteiramente pessoal, e o amor próprio que nasceu no seu espírito permanece nêle para o ofuscar. E porque há de ser assim?»

Tais doutrinas alastraram rapidamente através da Asia Oriental, Cochinchina, Ceilão, China, Mongolia, Manchuria e Japão, captando a fé de 277 milhões de crentes.

Mil anos depois, Jesus pregou uma

PREVALECE A MALDADE

Os apóstolos da paz que o mundo teve

nada conseguiram com os seus salutarens ensinamentos

doutrina toda paz e amor que originou uma das maiores revoluções universais. Criou milhões de adeptos (católicos, ortodoxos ou protestantes), tudo levando a crêr que completaria a obra pacificadora de Budha e de Confúcio, o grande filósofo chinês.

Pois bem: tão salutarens ensinamentos, alastrando através da Humanidade, em vez de criar homens bondosos e cheios de generosidade, engendrou feras da pior espécie.

O mundo convulsiona-se hoje, mais do que nunca, em assomos de ferocidade que indignariam as hostes de Tamerlão e os hunos de Átila.

De que serviram os ensinamentos do ingénúo Budha, os conselhos do generoso Confúcio e o sacrifício do divino Jesus?

Tôdas as nações, embora mantenham imponentes os templos erguidos às suas divindades, continuam a fabricar os mais pavorosos engenhos de morte e de destruição.

O pintor Henri Dangler conseguiu reunir numa tela gigantesca os retratos das personalidades que, desde os tempos mais remotos, pugnam pela pacificação da Humanidade.

É um lindo quadro, que tem por título «Os apóstolos da paz», e deveria ter levado muito tempo a pintar. Nêle figuram 100 entidades, número que poderia ser décuplicado se o artista tivesse procurado bem.

Pelo esquéma que encima a tela aqui reproduzida poderão ser identificadas tôdas as figuras, seguindo-se a ordem numerica da maneira seguinte:

- 1 — Confúcio, 2 — Budha, 3 — Isaias, 4 — Miquêas, 5 — Aristides, 6 — Aristóteles, 7 — Platão, 8 a 15 — Juizes anficções, 16 — Cícero, 17 — Antonino, 18 — Marco-Aurêlio, 19 a 22 — Sacerdotes ficiaes, 23 — S. Paulo, 24 — Gregório de Tours, 25 — Luiz IX, 26, Dunant, 27 — Leão X, 28 — Dante, 29 — Henrique IV, 30 — Sully, 31 — Alberico Gentili, 32 — Grócio, 33 — Puffendorf, 34 — Erasmo, 35 — Emerico-Crucé, 36 — Leibnitz, 37 — Vattel, 38 — Kant, 39 — Fénelon, 40 — Abade de Saint-Pierre, 41 — Mirabeau, 42 — Jean Jacques Rousseau, 43 — Bentham, 44 — Volney, 45

Reconstituição imaginária dum fimbar-jamento da terra da Madalena em Paris — Metternich, 46 — Saint Simon, 47 — La-

- martine, 48 — Alexandre III, 49 — De Martens, 50 — Conde Orlov, 51 — Leopoldo I, 52 — Sady-Carnot, 53 — Renouard, 54 — Frederico Passy, 55 — Jules Simon, 56 — Charles Lemonnier, 57 — Barão de Courcel, 58 — Henry Richard, 59 — Gladstone, 60 — Cobden, 61 — Ruchonnet, 62 — Elias Ducommun, 63 — Staempli, 64 — Mancini, 65 — Banghi, 66 — Leão XIII, 67 — Conde Sclipsis, 68 — Clarendon, 69 — Walewski, 70 — Edmond Thiaudière, 71 — Henri Danger, 72 — Ansbert Labbé, 73 — Cleveland, 74 — Garfield, 75 — Grant, 76 — Dudley Field, 77 — Colfax, 78 — Laad, 79 — Jefferson, 81 — Franklin, 81 — Baronesa de Stutter, 82 — Emilio Castelar, 83 — Marcoartu, 84 — Blumstchli, 85 — Buchner, 86 — Van Eck, 87 — Bajer, 88 — Jonas Jonassen, 89 — Couvreur, 90 — De Lambermont, 91 — Magalhães Lima, 92 — Nobel, 93 a 106 — Republicas Americanas

Depois de todos êsses paladinos da Paz, novos surgiram como Wilson, Briand, Barthou e tantos outros que nada conseguiram, apesar dos seus melhores esforços.

De todos os seus ensinamentos atirados aos quatro cantos do Universo resultou o que se está vendo na angustiosa hora que passa.

Paz ou guerra? Sabe-se lá... A Alemanha parece confiada numa formidável defesa que ninguém sabe ainda qual possa ser. Confiará nos seus exercitos

que nunca deixou de ter, na sua armada que vai construindo com uma persistência de formiga, ou nos seus aviões que são dos melhores e mais perfeitos, não obstante a clausula do Tratado de Versalhes? Tudo isso seria muito pouco. Confiará na ajuda da Polónia que, a deixar-se iludir, entregará os pulsos ás algêmas, ou na absorção da Austria que, a não evitar a fascinação, lhe irá cair na bôca como uma dônhina na bôca dum sapo?

Confiará no auxilio do Japão que, perfiando um imperialismo muito parecido com o seu, não terá grande relutância em dar-lhe apoio?

Seja como fór e pelo que fór, Hitler anuncia um novo protesto, mais enérgico do que o primeiro, junto do Conselho da Sociedade das Nações que censurou a violação do Tratado praticada pelo Reich.

Ha vinte anos, bastou a fãilha de Serajevo para atigar a guerra que devastou o mundo inteiro. Desta vez, não se calcula donde possa vir o fogo.

— E daí — quem sabe? — pode surgir donde menos se calcula...

O conflito italo-etiope assustou o mundo inteiro. Houve quem supozesse que seria êsse o pretexto que se buscava. Depois surgiu o rapto do jornalista

Jacob que se encontrava homiado na Suíça, tendo êste país exigido á Alemanha que voltasse a colocar o homem dentro do territorio donde o tinha raptado.

Nem assim conseguiram fazer reben-tar a guerra que, hoje em dia, todos esperam a cada momento.

Agora, os aviões alemães esvoaçam como aves sinistras sobre as fortificações da fronteira francesa. Nos tempos idos, os corvos acompanhavam as manobras guerreiras que rematavam sempre com um lauto banquete de carnes sãdias e palpitanes.

Bandadas de corvos eram prenúncios de guerra.

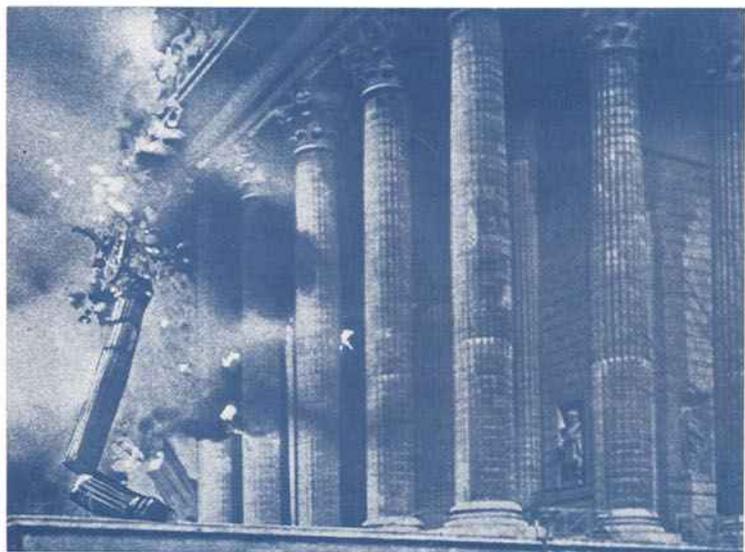
Hoje, os corvos estão substituídos por aviões gigantescos e terríveis.

O que diria Budha se pudesse observar o pouco caso que fizeram das suas doutrinas? Que triste impressão lhe deixariam os mortíferos engenhos de morte, granadas incendiárias, submarinos traço-queiros, gases asfixiantes, milhares de aviões descarregando metralha sobre cidades abertas só pelo prazer de aniquilar e destruir.

Ah! se Budha visse isto, não se limitaria a fugir para o descampado, mas voltaria a morrer de desgosto e vergonha por ter pertencido, mau grado seu, á perversa espécie humana.



Os apóstolos da Paz — gigante quadro de Henri Danger



VOCÊS já repararam nesses rapazes garbosos, de uma linha elegantíssima, que esmaltam as ruas de Lisboa, auxiliando o trânsito?

Não sei quem preside à escolha desta segunda série do pausinho branco, mas quem quer que seja denota um bom gosto estético.

Não há um só exemplar que destoe do tom geral de galhardia. Uns mais altos, outros de menor estatura, mas em todos o mesmo porte cavalheiresco.

Fazia-me "espécie", para me servir duma maneira popular que bem sintetiza as minhas locuções a tal respeito, ver a diferença entre os polícias habituais e estes modernos aparecidos.

Todos sabemos que em geral a polícia é na sua maior parte recrutada entre gente da província, boa gente, mas pouco instruída.

E estes rapazes a que me refiro, não só têm uma presença diferente, mas diferente é também a sua maneira de falar, manifestando princípios de uma instrução mais desenvolvida.

Um dia, para me tirar de minhas dúvidas, abordei um desses "gentlemen" do trânsito e perguntei-lhe donde saía esta nova camada policial.

E o meu entrevistado, um rapaz desempenado e com um ar muito distinto, respondeu-me:

— "Somos quasi todos rapazes do comércio, desempregados."

— "Ah! então já não me espanta que vocês tenham essa aparência que revela um espírito culto, a que se alia a cortesia de quem é obrigado a lidar com todas as classes sociais."

— "Não tivemos outro remédio senão aproveitar esta oportunidade para ganhar alguma coisa, porque todos temos pais ou filhos a sustentar."

"Compreende-se que a princípio nos custe ser vistos por antigos colegas mais felizes do que nós, mas a necessidade é uma lei que abate todos os orgulhos."

— "Não vejo razão para que sinta qualquer acanhamento na sua nova posição — respondi-lhe — porque a farda de polícia é uma farda honrosa, como todas as fardas que significam trabalho ou serviço pela pátria."

"Parece-me que quem procura, de qualquer modo, acudir aos desempregados merece todos os louvores."

— "Concordo. E eu pelo menos estou reconhecido a quem teve tal ideia, porque a minha situação tornava-se insustentável."

"Mas é duro tirar um curso, para andar pela rua a fazer sinal a automóveis e carroças."

"Tanto mais que estamos perdendo a

IMAGENS DE LISBOA

OS "GENTLEMEN" DO TRANSITO

prática de carteira. Mas que lhe havemos de fazer?"

Claro que esta conversa era feita em frases destacadas, interrompidas pela atenção que havia a prestar ao tráfico intenso dos Restauradores.

— "E quer saber? Conheço um rapaz, com o diploma de professor primário, que pensa em propor-se para este serviço, porque há três anos que acabou o curso e ainda não foi colocado."

"Ele tem um bocado de acanhamento, mas não pode aguentar-se mais tempo, à espera."

"E cada ano as escolas atiram cá para fora mais rapazes aptos para afrontar a vida, mas que ficam de parte a ver a batalha, por falta de lugar para combater."

— "A esse respeito veio há dias num jornal de Lisboa um artigo intitulado "Gerações novas."

"Você parece que leu, porque êle dizia isso, pouco mais ou menos."

— "E dizia também que urge remediar esta incerteza em que vivem os homens que trazem o certificado de vários cursos no bolso, e andam por aí desiludidos de tudo sem saber onde empregar a sua actividade."

— "Entretanto, trabalhar, seja no que fôr, não é vergonha. Olhe, se eu não soubesse escrever umas coisitas para os jornais e fazer uns livrinhos, nem ensinar seis línguas ou se isso não me desse a conta, ia trabalhar fôsse no que fôsse."

"O trabalho é honra, homem! E a independência que êle dá é a única que nos deve envaidecer."

"Diga lá: que glória pode haver em viver confortavelmente, ter automóveis,

luxo, tudo herdado ou dado por alguém?"

— "Isso é verdade, sempre nos sabe melhor o pão que nos vem do nosso próprio esforço."

— "Então, erga bem essa cabeça, para que toda a gente veja que aos portugueses não há trabalho que assuste nem posição que humilhe, quando é por bem e para bem."

— "Tem razão. Mas aqui olham os polícias com um certo desdém." — opoz o meu parceiro de palestra.

— "Não faça caso. São tolos, os que assim pensam. Você deve saber que na América do Norte o

polícia é um homem considerado; muitos dos seus colegas de além-Atlântico casam com milionárias. Isto não é só dos filmes, é da vida real também."

— "Isso era bem bom que pegasse por cá..." Comentou o galante arrumador do trânsito.

— "Talvez não seja difícil. Se houver um pouco mais de cuidado na escolha, e vierem para o serviço rapazes ilustrados, à falta de melhor colocação, verá que vocês ainda vão competir com os americanos. Homens mais atraentes do que os portugueses não há."

Durante esta troca de impressões sobre o tão momentoso assunto do desemprego, o meu interlocutor mostrou-se gratíssimo pela solução aproveitada, e deu-me, pela demonstração de cultura, em sua linguagem, a certeza de que não me tinha enganado, quando supuz que estes "gentlemen" do trânsito deviam ser de uma extracção superior.

As aparências enganam muita vez, é certo, mas não era fácil ser enganada pelo aspecto destes rapazes, que sem terem a arrogância do "policeman" inglês nem o à vontade do "gardien de la paix" de Paris, têm contudo uma atitude correcta.

— Rapazinhos de agora, desafinados pelo calão e por uma falsa compreensão de maneiras, ide por essas ruas, e aprendei a vestir uma casaca com o garbo e o apurmo de um ajudante sinaleiro dentro da sua farda. Correção, é aquilo, ouviram?

Mercedes Blasco.

No ano de graça de 1905 começava a mulher europeia e continental a interessar-se pelo desporto. Na Inglaterra já ha muito se dedicava a mulher aos desportos, sobretudo á equitação em que era exímia, e á bicicleta, em que excedia as mulheres de todos os outros países pela leveza com que pedalava e pelas frescas e claras "toilettes" que usava.

Em França a mulher, como bôa latina, pouco se dedicava ao desporto. No entanto era bem mais avançada do que a italiana, espanhola ou portuguesa. Em Portugal sair todos os dias era ainda um quasi pecado, e quasi só se atreviam a fazê-lo as senhoras estrangeiras, as que lá tinham vivido ou as que em Africa tivessem adquirido hábitos de exercício a que o clima obriga para conservação da saúde.

Desportos, quem pensava neles? Para tomar ar estava-se á janela, êsse hábito tão meridional e que hoje só em certos bairros de Lisboa e na provincia se conserva.

Mas na primavera de 1905 appareceu um jôgo que acompanhava os primeiros automóveis: "o diávolo".

Foi um delírio, não havia senhora que não possuísse um "diávolo". Nos jardins, no Bois de Banlogne, nas termas elegantes, nas praias "chics" da época, por toda a parte triunfava o "diávolo".

O êxito do "diávolo", quasi igualou o que teve o "Yoyo". ha três anos, a diferença foi apenas que levou mais tempo a divulgar-se, o que não admira porque não havia então as facilidades de comunicação, que ha hoje, e nem toda a gente viajava.

Mas também prolongou-se muito mais a sua época. Não durou apenas três ou quatro mezes como o pobre "Yoyo" que depois de lhe ter trazido populações inteiras com o aspecto de dementadas, pela ideia fixa, desapareceu por completo. O "diávolo", ainda dois ou três anos distraiu a humanidade.

Como podem ver na nossa gravura o automóvel que hoje com o aperfeiçoamento dos motores, raramente tem "pannes", nessa época num trajecto de 20 quilómetros tinha pelo menos duas, que ensaboavam a cabeça ao "chauffeur", e ao proprietário do carro.

Nessa altura entrava em cêna o "diávolo" como distração. As senhoras despiam o indispensável guardapó, afastavam os véus de gaze, verdadeira "écharpes" que envolviam chapéus e os monumentais penteados e ei-las de volta com o "diávolo", fazendo verdadeiros prodígios de equilíbrio e entretendo-se pacificamente.

Não devemos admirar-nos muito da falta de interesse da mulher pelo desporto, se observarmos a fôrma por que se vestia. A moda tem uma grande influência nos hábitos da mulher, ainda que muitas vezes pareça nada ter com êles.

Como era possível jogar o "tennis", correr, fazer "golf", com as "toilettes" que então se usavam. Metida num espartilho que lhe adelgacava a cintura e que lhe tornava mais saliente o peito e as ancas, apertada, e, muitas vezes quasi sem

poder respirar como poderia suportar um exercício violento.

As saías rodadas e compridas, as saías de baixo em fôlhos e ruches impediam quasi os movimentos, os vestidos muito enfeitados não permitiam a verdadeira

BÁ TRINTA ANOS...

ginástica, que o desporto exige. Os penteados eram monumentos, que levavam horas a fazer, recheados de rolos, guarnecidos de caracões, com os chapéus em equilíbrio sobre as montanhas de cabelos, presos apenas por prégos, o que não permitia gestos bruscos.

A mulher vivia envolvida na sua "coquetterie", encaixilhada em rendas e plumas, fitas e gazes. As "toilettes", da nossa gravura foram os prenúncios da simplicidade.

Os primeiros "tailleurs", faziam a sua aparição, se assim podemos chamar aos vestidos de saias pregueadas e casacos de complicadíssimas mangas e guarnecidos a galões e botões.

No entanto a verdade é, que, o "diávolo", fez uma verdadeira revolução.

O exercício a que obrigava a mulher começou a simplificar um pouco a maneira de vestir tão complicada de então. Não era fácil a uma mulher deslocar-se. Os chapéus enormes exigiam chapeleiras descomunais, as malas tinham de ser grandes, para acomodar tanto "falbatos". As mangas ocupavam mais espaço do que ocupa hoje um vestido, e que de complicações, era revestida a "toilette", duma senhora!

Mas a rapariga moderna, criada sem que uma cinta lhe aperte o corpo, cintada de músculos, pela ginástica, que faz tódas as manhãs e pelos variadíssimos desportos, que faz durante o dia, que se não ria muito da maneira de vestir de sua mãe, quando tinha a sua idade.

A moda anuncia-se retrograda e mostra-se inclinada a imitar o que se usou há muitos anos. Quem sabe se dentro em pouco não trocará o seu cómodo vestido "tailleur", género alfaiate e tão masculino, que se não fôsse a saia se confundiria com o de seu irmão, o confortável "pull over", a boina basca, por um complicado vestido cheio de guarnições, uma blusa apertada a trás com um encaixe em rendas e complicadíssimas mangas um chapéu difícil de segurar e um véu envolvente.

Os cabelos começam já a mostrar a tendência para essa evolução e o cómodo e feio penteado à Joãozinho tende a desaparecer. Já se vêem cabelos francamente compridos e os que o não são, enrolam-se em canudos e caracões.

Quem sabe se depois da natação, dos banhos de sol, do "tennis", do "golf", do automobilismo a cento e vinte quilómetros à hora, não voltaremos ao comedido "diávolo", símbolo há trinta anos de modernismo de avanço, de desenvoltura da mulher? O "diávolo", quasi foi um grito de alarme e o primeiro gesto de emancipação feminina.

E como êsse gesto tão comedido fará sorrir as raparigas de vinte anos e trará uma lágrima de saudade aos olhos das raparigas de então, algumas já hoje avós.

É que tódas nós sorrimos aos vinte anos das modas das nossas mãis, e, aos quarenta, ao vermos aquelas que adornaram a nossa mocidade em flor, nos sentimos comovidas, as achamos belas e elegantes e não vemos os pequenos ridículos que tem sempre uma moda já passada.

É o que vai acontecer a esta evocação do "diávolo", jôgo tão querido há trinta anos: fazer aflorar sorrisos de troça às raparigas de hoje e despertar fundas saudades na alma das raparigas de ontem.

Maria de Eça.





...os instintos, a inveja e o ódio ao belo, e satisfaziam o seu apetite sanguinário, matando e assistindo com alegria às execuções diárias, que inundavam de sangue a França, essas mulheres rebaixavam ao último ponto a mulher.

Mas essas más épocas passam e a mulher tem-nos dado ultimamente tantas provas da sua dedicação, na guerra salientou-se pelo seu valor, pelo seu sacrifício, por tudo quanto fez por levantar a humanidade e por salvar a vida que se afundava num caos de pavor.

A mulher tem sempre de se elevar, de levantar o nível moral da sociedade, de dar a vida e de a criar em beleza, em graça, em bondade, em tudo o que é alto e elevado, em tudo o que é superior.

A mulher inglesa levantando a sua voz pela humanidade, pedindo a supressão da pena de morte essa pena, que é a do selvagem, olho por olho, dente por dente e vida por vida, teve um gesto lindo que há de ser registado na história do mundo.

A mulher só se eleva quando tem gestos misericordiosos e ela, que dá a vida, que a cria,

A mulher que foi criada por Deus para dar a vida e para velar por ela quando mais frágil ela é, e, mais carece de cuidados, a mulher, feita para ser mãe e para cuidar, tratar e amegar os filhos é natural que tenha pela vida humana, um respeito maior e mais profundo do que o homem.

É pois muito natural a atitude da mulher inglesa perante a pena de morte. A pena de morte que não permite respirar erros judiciais, que acaba com a vida repugna a todas as sensibilidades e é bem natural que revoltas as mulheres que sabem sentir e compreender o que é ser mãe, dar a vida e creá-la.

Há na história inglesa exemplos de mulheres sanguinárias e cruéis como Maria a rainha que friamente assinava penas de morte, e Isabel a mulher que mais abusou do poder para fazer o mal, desfazendo-se pelo carrasco das pessoas que a incomodavam.

Mas qualquer dessas rainhas, que mancharam de sangue o leão, e que tornaram odioso o poder feminino, nunca foram mães.

Nunca apertaram ao peito uma criança querida, nunca em volta do pescoço sentiram uns bracinhos rosados e frescos, nunca suberham o que era passar uma noite junto do berço duma criança que sofre.

Não suberham como custa dar a vida e como é difícil ungi-la, conserva-la num corpinho frágil e adorável que mil perigos espantam, de garras estendidas prontas a fazê-la desaparecer.

Há muitas mulheres que não são mães, mas que com uma grande sensibilidade moral, e, com instinto maternal, compreendem o que é dar vida, creá-la e ampará-la.

A mulher tem de ser carinhosa e a pena de morte é brutal. Temos de concordar que a mulher inglesa protestando contra a pena de morte cumpria o seu dever e levantou moralmente a mulher de todo o mundo.

Não se pôde compreender na mulher o sentimento violento, e quando há revoluções e as mulheres se salientam nelas, como na Revolução francesa, em que grupos de mulheres, mais ferozes do que os próprios homens que nada portanto se assemelhavam às feras, faziam batidas às aristocratas num impeto dos mais bal-



que a levanta, que educa, que sofre, tem o direito de a defender de a proteger e de pedir aos governos que lhe conceda como prêmio dos seus sacrifícios.

Bem hajam as mulheres dos países que ainda têm essa terrível pena de morte, que consigam acabar com ela.

Maria de Eça.

A Moda.

A elegante moda de 1935 continua a levar-nos para uma nova modalidade da mulher. Nova chamamos-lhes assim, porque mais agrada essa palavra, a nós mulheres, que procuramos sempre na maneira de nos arranjar o que nos pode apresentar variedade e trazer ao nosso aspecto, novidade, mas estas modas deste ano, aproximam-se tanto e tanto das de há trinta ou qua-

PÁGINAS FEMININAS

renta anos, que bem nos demonstram que nada há de muito novo à luz do sol.

São modas mais femininas e mais senhorias do que as dos últimos dez anos, mas adaptam-se talvez pior à vida moderna e agitada. O que a moda tem, podemos desde já afirmá-lo, é um carácter de elegância a que já não estávamos habituadas.

Demonstra-o o lindo vestido em setim preto e tule, que damos para a noite. «Toilette» duma elegância suprema tem uma nota tão requintada, que nos encanta à primeira vista. Mas não é só a «toilette»; o penteado lindo e duma simplicidade encantadora apesar dos caracóis tem o cunho de certos retratos de Flaming; a diferença está no corte do vestido que extremamente moderno não acusa a cintura como os antigos vestidos e é muito apertado nas ancas, segundo os ditames da moda 1935.

O que é invejável é que é uma «toilette» deslumbrante que faz sobressair a beleza e a elegância de quem a usa, o que é essencial nos vestidos de noite, quando a mulher mais deseja encantar e deslumbrar. Para de manhã uma elegante stailleur da mais completa novidade e duma linha o mais simples possível. A saia lisa não tem a mais pequena prega o que nestes vestidos de quadrado é sempre muito para apreciar, porque a fazenda já faz a guarnição. Os bolsos por fóra e a abotoadura até cima, sem fole dão a nota ultra moderna.

Completa-o uma linda écharpe em setim branco e setim preto e um «canotier» em palha natural guarnecido, com uma fita em veludo preto, luvas em pelica preta.

Como chapéu temos a última novidade, o grande chapéu que torna tão jovens as mulheres e que fica bem a quasi todas. A aba é em palha grossa branca, bastante direita, a copa graciosíssima é em feltro preto.

É uma das lindas novidades deste ano a junção do feltro com a palha é elegante e prático, como guarnição um bonito prego em cristal branco. É para notar a elegância das luvas em harmonia com as cores do chapéu. Em pelica preta, são guarnecidas a pelica branca apresentando um lindo conjunto a que a raposa «argentea» dá o tom supremo.

A «chandaillé» em «tricot» continua a sua triunfal carreira e é bem compreensível visto ser sempre muito prática e económica porque pôde ser executada em casa. A que hoje apresentamos às nossas leitoras é dum ponto muito original e bonito assim como a sua forma em harmonia com a moda, com a gola junto ao pescoço voltada para baixo. É um modelo que todas as raparigas desportivas apreciarão devidamente.

Caridade

A caridade vai muitas vezes esconder-se onde menos se pensa e uma notícia do «Extra-Blatt» de Viena, vem demonstrar-nos que ainda há bandidos caridosos, como nas antigas novelas.

Na Grécia vive muito à sua vontade, e, sem que ninguém se atreva a incomodá-lo um saltador-filantropo chamado Iazas, em toda a região que habita tem grande celebridade e inúmeras simpatias que lhe têm acarretado os seus actos de filantropia.

Iazas fala muitíssimo bem o inglês, que é definido como o mais importante idioma interna-

cional para os negócios, conhece maravilhosamente a literatura policial do passado e do presente, e segue as normas dos seus grandes predecessores.

É, pois, lógico que arme em protector dos infelizes e desamparados, coisa que lhe tem dado muitos amigos e não menos cúmplices. Quem ousaria traír um tão generoso indivíduo? No decurso dum encontro, ha já algum tempo Iazas matou um gendarme, imediatamente mandou à mãe da vítima uma carta de pézamos com 50.000 dracmas. Na carta dizia, que mandando aquela quantia queria fazer o que o Estado não faria, visto que não sabe ter em conta os sacrifícios que fazem os seus fieis servidores, que afrontam por êle o perigo.

Com tais palavras conseguiu o saltador que os montanhães sejam seus entusiastas admiradores e que por causa dêle o ministro da justiça tenha passado bocados amargos.

O ministro tem revolvido céu e terra para conseguir prender o bandido, mas nunca é possível encontrá-lo, porque é protegido por toda a população. É tradicional na Grécia a popularidade dos bandidos, que juntam à sua terrível profissão a arma da caridade para com os oprimidos conseguindo tudo do povo.

Vocações

É interessante notar como a mulher tem em geral vocação para tudo o que é sacrificio à humanidade.

A viscondessa de Lascelles única filha dos reis de Inglaterra tem o curso de medicina, e está incorporada no Real Colégio de Cirurgiões de Londres. Não é um título «honoris causa» dêsses de que tanto se abusa para honrar príncipes e princesas de sangue, mas sim o qualificado prémio de seus longos estudos.

O caso da princesa Mary é uma verdadeira



vocação. Ela teve sempre um profundo desejo de contribuir de modo eficaz para auxilio da humanidade. Até a fórma como dispôs do ordenado a que tem direito prova a abnegação da viscondessa de Lascelles. As mais pobres que criam seus filhos, recebem o ordenado que ganha com o seu trabalho a filha de reis. O mundo tem evoluicionado muito e a vida da princesa Mary é um lindo exemplo de caridade perfeita.

Uma princesa do mais poderoso reino da actualidade repete o fausto e o esplendor da vida palaciana, para se dedicar à dor da humanidade, compartilhando-a e diminuindo-a com as suas próprias mãos. Pôde recordar-se a rainha Isabel da Hungria curando pessoalmente os doentes, Santa Isabel de Portugal ou ainda a rainha Isabel da Bélgica que foi a enfermeira dos seus soldados. Mary de Inglaterra submette-se à modesta e dura tarefa de cirurgião, cumprindo todas as suas obrigações com a prontidão e potencialidade dum médico obediente ao dever.

É esta princesa tão querida e respeitada um modelo a seguir, por êsses jovens de ambos os sexos, que esquecendo que devem ser um exemplo se entregam a excessos para ser originaes. Duas vezes faz o bem a preciosa e modesta princesa. Curando com as suas mãos patricias e dando às pobres mulheres o ordenado que é o fruto do seu tão respeitavel trabalho.

Padroeira dos cegos

Na Bélgica os cegos elegeram sua protectora Nossa Senhora da Poterie e das Iguéras, tóscas estatuas esculpidas em madeira por qualquer primitivo escultor da Flandres, saídas das mãos do seu autor em 1009. Esta imagem tem uma linda história:

Na época da batalha de Mons-en-puelle em 1304, as mulheres de Bruges vieram em cortejo até este santuário distante nove quilómetros da cidade, levando uma vela de trinta e seis libras, para que Nossa Senhora, protegesse os homens que estavam combatendo na guerra.

Concluída a paz as cegas e as coxas foram sempre fielmente, todas, agradecer à imagem da Mãe de Deus, as graças recebidas, levando sempre uma enorme vela de trinta e seis libras.

De então para cá, todos os anos um numeroso cortejo de cegas, que é uma das tradições da Flandres, mais pitoresca e de maior cor local, vai em piedosa peregrinação no mês de Julho ao Santuário tanto da sua devoção.

Uma única vez em 1401, dado o temporal que fazia e a chuva impertinente que caía sem cessar, as mulheres de Bruges preferiram fazer as suas orações em casa, onde se sentiam abrigadas do mau tempo.

Mas na noite que se seguiu, realizou-se um milagre. Na igreja de Westbroger, sobre o altar iluminado a imagem de Nossa Senhora appareceu com os vestidos encharcados e os pés sujos de lama. Finha ido só estradas fora debaixo de chuva e temporal cumprir a promessa e fazer a costumada visita das mulheres de Bruges a Nossa Senhora da Poterie. E nos anos seguintes as cegas elegeram sua padroeira a Senhora que tão



bem cumpria as promessas das cidadãs, e foram sempre em procissão com hom ou mau tempo para que ella não fôsse só pelas vias da lenda e do milagre.

Alimentos completos

Quais são os alimentos mais completos e mais ricos de energia? Eis o que uma boa dona de casa necessita absolutamente saber. Segundo o professor Angiolani da Universidade de Turim, que tem feito sobre o assunto muitas experiências, os alimentos mais completos são os legumes, em seguida o queijo, o pão e os ovos. A carne e as batatas são alimentos muito ineficazes e portanto incompletos.

A carne é rica de albumina somente. As batatas são ricas de hidrato de carbonio. Carne e batatas juntas constituem um alimento que, contém todos os principios elementares em grau muito apreciavel. Entre os peixes os mais nutritivos são: a enguia, a sardinha, o arenque, o salmão, a carpa e a truta, pela albumina e a gordura que contém ainda que a qualquer destes peixes falte o hidrato de carbonio, amido, etc. Entre as carnes as mais substanciaes são a do ganso, a do porco, a do carneiro e a de vaca. Muito alimentares são a manteiga e o azeite mas contém só gorduras e isoladas não bastam ao organismo. Muitas calorias contém os figos secos, as ameixas secas, as passas de uva. O macaráo e o arroz alimentam três vezes mais do que as massas em caldo, quando são bem cozinhadas. Para quem tem de determinar todos os dias almoço e jantar estes conhecimentos são de máxima importância.

Pensamento

As mulheres que afirmam não ser compreendidas são precisamente aquelas que os homens melhor comprehendem.— *Lisari*.

DICIONÁRIOS ADOPTADOS

Cândido de Figueiredo, 4.^o ed.; Roquete (Sinónimos e língua); Francisco de Almeida e Henrique Brunswick (Pastor); Henrique Brunswick; Augusto Moreno; Simões da Fonseca (pequeno); do Povo; Brunswick (antiga linguagem); Jaime de Séguier (Dicionário prático ilustrado); Francisco Torrinha; Mitologia, de J. S. Bandeira; Vocabulário Mo-nossilábico, de Miguel Caminha.

APURAMENTOS

N.º 24

PRODUTORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

DR. SINAL

N.º 20

QUADRO DE CONSOLAÇÃO

JOBEMA

N.º 3

OUTRAS DISTINÇÕES

N.º 8, Vidalegre; n.º 12, Jobema; n.º 17, Alfa-Romeo

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

Decifradores da totalidade — 20 pontos:
Frá-Diávolo, Cantente & C.^a, Gigantezinho,
José da Cunha, Só Lemos

QUADRO DE MÉRITO

Fan-Fan, 18. — Alfa-Romeo, 18. — Ti-Bea-do, 17. — Lamas & Silva, 17. — Sonhador, 17. — So-Na-Fer, 14. — João Tavares Pereira, 14.

OUTROS DECIFRADORES

Salustiano, 9. — Rei-Luso, 9. — Dona Dina, 8. — Aldeão, 7. — Lisbon Syl, 7.

DECIFRAÇÕES

1 — Piquete. 2 — Bichoca. 3 — *Refo-llado*. 4 — Baforada. 5 — Tentear. 6 — Chicana. 7 — Dódó. 8 — Odioso. 9 — Cachola. 10 — Fachada-fada. 11 — Fa-dica-faca. 12 — Épico-eco. 13 — Toledo-todo. 14 — Gravador-grado. 15 — Ga-rimbar-gabar. 16 — Faxina-fana. 17 — Lua, rua, loa, luz. 18 — Pena. 19 — In-trometido. 20 — *Homem sem abrigo, pas-saro sem ninho*.

TRABALHOS EM PROSA

NOVISSIMAS

(A todos os charadista da S. C. L.)

1) *Tende ânimo!* amigos e consócios; com o pensamento na S. C. L. nada fare-mos incerto. 1-2.

Lisboa *Davidóflies (S. C. L.)*

2) Esta «planta» que a mulher de idade guarda é para o timão do arado. 1-2.

Coimbra *Galhardo (C. C. C.)*

(Ao Virgusa)

3) Será no trabalho onde te mostras apressado? 4-1.

Lisboa *Márius (T. E.)*

4) Encerra sempre uma «causa» íntima a intriga que fazem certas pes-soas... 3-1.

Lisboa *Micles de Tricles (S. C. L.)*

5) «Nota» que esta «nota» serve de armadilha para apanhar pássaros. 1-1.

Lisboa *Milecas*

6) *Domina o sofrimento do soberano.* 3-1.

Lisboa *Néné*

SECÇÃO CHARADÍSTICA
Desporto mental
NÚMERO 33

7) Tem imenso garbo «um» homem corajoso. 2-1.
Lisboa *Miquita*

SINCOPADAS

8) Faço trapaça quando visto este capote. 3-2.
Lisboa *Aço (T. E.)*

(Ao Africanista)

9) ... e, por entre vinhedos e penhascos, pro-curava as «mulheres»... 3-2.

Lisboa *Antolino (S. C. L.)*

10) Que riqueza no meu sono breve! Porém, acor-do sem cheta... 3-2.

Lisboa *Dr. Ferol*

11) Com indiferença, engolo tudo o que me vem à boca. 3-2.

Coimbra *John Biffe (C. C. C.)*

(A «Marius»)

12) Esta espécie de abóbora do Brasil está à sua «disposição». 3-2.

Lisboa *Infante (T. E.)*

13) O caranguejo é um animal tão feio que só com o ver enjoó logo. 3-2.

Lisboa *Júlio César*

(A Miriam)

14) Aperfeiçoa mais o desenho dêsse «ani-mal». 3-2.

Lisboa *Langueluca (T. M.)*

15) És tão acanhado que nem vales um bocado de pão! 3-2.

Lisboa *Miúdo & Graúdo*

16) Na colina encontrei uma for-tuna! 3-2.
Lisboa *Néné*

17) Os maus costumes arrastam-nos para os vícios. 3-2.
Lisboa *Olho de Lince*

18) Aquela acha de lenha foi tirada dum caule. 3-2.
Lisboa *Rei Jhá*

19) Esta «mulher» é muito sincera. 3-2.
Setúbal *Rogério Gomes Cunha Correia*
(Interrogando «Zé Nob»)

20) Há alguma coisa que não tenha volume? 3-2.
Lisboa *Reinadio*

21) É um cáustico o ajuste de contas. 3-2.
Luanda *Ti-Beado*

22) O diabo caiu no tanque. 3-2.
Lisboa *Tino de Óbidos*

23) O rinoceronte foi caçado por uma «mu-ther». 3-2.
Lisboa *V. Lilds (T. M.)*

24) Sujeitar é refriar. 3-2.
Lisboa *Veiga (T. E. L.)*

(Ao X-27)

25) A boa composição charadística depende sempre do ardor que empregamos na sua cons-tituição. 3-2.
Lisboa *Vidalegre (S. C. L.)*

26) Na aula mostro outra face. 3-2.
Lisboa *Vitor Pinto Pinheiro*

TRABALHOS EM VERSO

ENIGMA
27) Junta três letras consoantes, Isto se estudaste gramática, Há de encontrar após instantes *Planta sarmentosa e aromática.*
Lisboa *Piolim*

MEFISTOFÉLICA
28) Estou enfim aliviado Dêsse tão grande «embaraço» E vou dormir descansado No teu tão fofo regaço... (2-2) 3.
Lisboa *So Na-Fer*

NOVISSIMA
(Na Semana Santa)
29) A Noite da Paixão! O bom Jesus Morre entre dois ladrões, crucificado! Vigia a soldadesca o «condenado» E chora Madalena aos pés da cruz. A Virgem Mãe em lágrimas traduz A dor de ver morrer o filho amado, Gerado no seu ventre, sem pecado, P'ra remir nossas culpas vindo à luz — 2. Prêgaste em abundância entre os huma-nos, — 2 Oh Christo! A Igualdade e o Bém — de- [Írio Divino — e a guerra ao Mal, guerra aos [tiranos... Ai! A Igualdade! O Bém! Talvez... No [Empírio! Se o Mundo hoje é pior que há dois mil [anos De que serviu, oh Cristo! o teu mar- [tírio?!
Lisboa *Sileno*

METAGRAMA
30) Tomo qualquer alimento, Mesmo um pedaço que seja, E parece que rebento!... Se o «sacerdote» o deseja, Leve o «cesto» que o contém, Sem arrogância ou desdem. — 4-5.
Lisboa *Lourenço Marques Silva Lima (T. E.)*

TRABALHOS DESENHADOS
ENIGMA FIGURADO



LEIRIA MAGNATE

O Sport Lisboa e Benfica comemorou o seu 31.º aniversário com um concorrido banquete

O banquete com que se comemorou, num salão do «Maxim's», o 31.º aniversário do S. L. Benfica, reuniu cerca de 200 convivas e constituiu uma brilhante afirmação da vitalidade daquele popular club desportivo. Presidiu o sr. dr. Mascarenhas de Melo, um dos grandes animadores da colectividade e seu presidente honorário. Na mesa da honra tomaram parte os srs. dr. José Pontes, capitão Ribeiro dos Reis, Raul de Oliveira, director de «Os Sports»; António de Sousa Almeida, presidente da comissão administrativa da secretaria; Vasco Ribeiro, presidente da direcção; Pedro A. Rocha, presidente do C. F.; Manuel Afonso, Felix Bermudes, Silva Gama, major Ribeiro Ferreira e Rebelo da Silva, do «Diário de Notícias».

O primeiro discurso foi o do capitão sr. Ribeiro dos Reis que recordou a história do Benfica e pôs em relevo o significado de solidariedade que a festa representava. Brindou pelo futuro do club sendo muito aplaudido.

Seguiram-se no uso da palavra Felix Bermudes, José Simões, dr. José Pontes, Vasco Ribeiro, Raul de Oliveira, António Sequeira e Silva Gama.

As direcções da Federação Portuguesa de Football, representada pelo sr. capitão Maia Loureiro e dr. Vergílio Paula, e do Carcavelinhos representada pelo sr. Jaime Franco, apresentaram pessoalmente as felicitações das suas colectividades pelo aniversário do Benfica.

Na mesa foram recebidos muitos telegramas e cartas de saudação cuja leitura foi interrompida com frequentes salvas de palmas.

A festa terminou no meio do maior entusiasmo.



A I Conferência Nacional do Café



No salão nobre da Associação Comercial de Lisboa realizou-se, de 23 a 27 do mês findo, a Primeira Conferência Nacional do Café que decorreu sempre no meio de maior actividade e interesse.

A sessão inaugural presidiu o sr. dr. Ferreira Bessa, sub-secretário de Estado das Colónias que era secretariado pelos srs. embaixador do Brasil e Alvaro de Lacerda. Usou, em primeiro lugar, da palavra o presidente que disse estar ali por impedimento do sr. ministro das Colónias. Manifestou a sua satisfação por a conferência se realizar na Associação Comercial e sob o patrocínio desta prestigiosa colectividade. Afirmou o interesse do governo por esse assunto de tão alta importância para a economia nacional e disse que o ministério das Colónias seguia com atenção os trabalhos da Conferência e esperava colher dela valiosos elementos que orientassem a sua acção. Falaram depois diversos oradores, abordando os vários aspectos técnicos do problema.

A sessão de encerramento presidiu o sr. dr. Azevedo Souto que fez um inteligente resumo dos trabalhos apresentados, das conclusões aprovadas e dos votos emitidos.

Em seguida, procedeu-se à leitura do relatório da comissão de redacção, extenso documento com as conclusões, unificadas por capítulos das teses discutidas no decorrer dos trabalhos, o qual foi aprovado por unanimidade.

Usaram ainda da palavra os srs. José de Penha Garcia, em nome da Associação Central de Agricultura, Mendes Quintino, em nome dos retalhistas, Alvaro Teixeira, em nome do Centro Colonial, Octavio Craveiro e Ernesto Ferrelta.

Antes da sessão de encerramento, os congressistas reuniram-se num jantar de confraternização. O lugar de honra foi ocupado pelo sr. Alvaro de Lacerda.

Durante os dias que durou a Conferência diversos estabelecimentos comerciais fizeram, por intermédio das suas montas, uma inteligente propaganda do nosso café colonial, produto digno de rivalizar com os estrangeiros e que pode suprir largamente às exigências do nosso mercado.

Uma viagem de núpcias em chalupa

ESTEVE no Tejo no mês findo um elegante barquito à vela denominado «Lugvogel» em que um casal de noivos alemães realizam sózinhos a viagem de núpcias. O «Lugvogel» é uma chalupa de sete metros de comprimento disposta de modo a permitir uma longa permanência a bordo com o possível conforto.

Como é de esperar o pequeno barco suscitou viva curiosidade e fez recorrer muita gente ao cais onde acostou. As nossas gravuras representam os dois esposos estudando o trajecto dum passeio por Lisboa e ao lado a chalupa em que realizam a sua aventureira viagem.

«O Romance da Raposa»

APARECEU no mercado a 2.ª edição de «O Romance da Raposa», obra que o grande escritor Aquilino Ribeiro dedicou às crianças mas que os adultos lêem com igual aprazimento. Ilustram o livro saborosos desenhos a cores do artista francês Rabier.

Propaganda turística

No cumprimento da sua missão de propagandista das belezas da nossa terra, a «Casa de Portugal» em Paris acaba de publicar cinco notáveis brochuras ilustradas: um mapa-itinerário de Paris a Lisboa, para automobilistas; uma lista de hotéis de Portugal com as categorias e os preços; um folheto descritivo das Ilhas da Madeira e dos Açores; e um pequeno livro intitulado «Comment visiter le Portugal».





Phineas Barnum incarna num incarna, do por Wall face Beery

cidade e faculdades inventivas e atingiu o seu objectivo. Nessa luta encarniçada e pitoresca pela celebridade, Barnum teve um sócio que se chamou Bailey Walsh. Os dois formavam um par perfeito. Nenhum revés por pior que fosse o fazia perder a coragem. Ampararam-se mutuamente nos momentos de desalento e acabaram por triunfar juntos. Mas só Barnum, personalidade mais vigorosa, passou à posteridade e vive ainda hoje na memória do povo norte-americano.

De resto, Barnum pertence ao número desses homens que constituem símbolos da civilização dos Estados Unidos. Surgindo num continente que se desenvolvia em ritmo aceleradíssimo, soube encontrar a sua directriz. Um excepcional conjunto de fenómenos so-

NA América do Norte, foi há pouco realizado um filme notável em que se evoca uma figura que foi célebre naquêle país durante a segunda metade do século passado.

Trata-se do filme "The Mighty Barnum", título que podemos traduzir por "O poderoso Barnum".

Este nome não é talvez estranho a grande número dos nossos leitores. Phineas Barnum está intimamente ligado à História do circo e durante muitos anos os espectáculos das suas companhias foram famosos em todo o território dos Estados Unidos, que incessantemente percorriam, e até noutros países.

A vida e aventuras de Phineas Barnum constituem um magnífico repositório de anedotas saborosas e autênticas, onde o realizador encontrou abundantes materiais para a composição dum filme cheio de pitoresco e acção.

Ninguém ignora que não foi esta a primeira vez que o ambiente paradoxal e estranho do circo tentou os realizadores de cinema. Não vale a pena citar, a propósito, longas listas de filmes em que caberia lugar de muito relvêo ao célebre filme de Charlot. Mas o que pode dizer-se, sem sombra de intuítos publicitários, é que na composição de nenhum deles se reuniu tão grande número de factores destinados a garantir um êxito certo.

"O poderoso Barnum" relata-nos, pois, a carreira, laboriosa e fértil em incidentes, desse homem que, à custa de audácia e espírito de iniciativa conseguiu triunfar plenamente da sorte que a princípio se lhe mostrara hostil. Ignorado e humilde propôs-se vencer, servido pela sua tena-



Uma fotografia e um desenho contemporâneos do célebre empresário Barnum



ciais determinou o seu extraordinário êxito. Porque Barnum foi um inovador e adiante veremos as razões desta afirmação. Mas os seus curiosos métodos de luta pela vida vieram ao encontro duma mentalidade que nascia maravilhada de si própria e disposta a aplaudir tudo que significasse originalidade.



Uma cena cômica de "O poderoso Barnum". — O empresário e a mulher de barbás

A PROPOSITO DUM FILME

Os «bluffs» jornalísticos para fins publicitários foram inventados no século XIX pelo célebre empresário Barnum

Como muitos outros que depois foram magnates da indústria norte-americana, Barnum foi o homem que surgiu no momento oportuno, guiado por misteriosa inspiração ou pressentimento através dum mundo em formação. Só assim se explica o seu ruidoso triunfo.

Dissémos que o nome de Barnum se encontra ligado a um extenso capítulo da história do circo. Assim é, de facto. Tendo organizado uma companhia, pôde um dia designá-la, pomposamente mas com justiça, "o maior espectáculo do mundo". Tudo o que a América do Norte, e até o mundo inteiro, conheceram em artistas de circo ou prodígios de feira, foi-lhes revelado por esse incomparável animador que sabia valorizar as suas descobertas com uma rara intuição de publicidade.

Ficaram célebres, entre outros, a cantora Jenny Lino que ele apresentou em Nova York, cêrca de 1850 e os anões general Tom Thumb e sua mulher que durante muitos anos foram uma atracção segura dos espectáculos da companhia Barnum.

Como se compreende a realização deste filme exigiu o concurso de elementos difíceis de reunir. Um deles era o de prodígios de circo que se ajustassem à realidade histórica. Algumas fotografias publicadas nestas páginas permitirão ao leitor avaliar do modo como essa dificuldade foi vencida.

"O poderoso Barnum" foi posto em cena por Walter Lang e reúne um grupo de intérpretes de primeira categoria.

Figura à cabeça Wallace Beery que incarna o papel do célebre Phineas Barnum. Por gravuras que publicamos aqui junto, poderá também avaliar-se do rigor desta criação do célebre actor. Segue-se-lhe Adolph Menjou no papel do sócio inseparável.

A formosa Virginia Bruce e a adorável Rochelle Hudson são as duas principais figuras femininas do filme.

Relatar o entrecho dum filme deste género oferece grande número de dificuldades. Seria além disso incorrer no risco de deminuir ao leitor o prazer que ele lhe poderá proporcionar se vier a ser exibido no nosso país.

Seja-nos, contudo, permitido reproduzir aqui uma aneddotla que servirá para definir a personalidade desse extraordinário organizador de espectáculos de circo.

Phineas Barnum é considerado como o precursor da publicidade pela Imprensa. Parece de facto que é a êle que cabe a glória de ter pôsto o jornalismo a servir involuntariamente os seus designios. Já atrás dissemos que êle fôra um inovador. O seu exemplo tem sido, de então para cá, muito imitado, em especial na América do Norte.

Em que consistia o processo de Barnum? Em inventar um "bluff", que forçasse os jornais a tratar do assunto, suscitando a curiosidade do público. Vejamos como conseguiu esse resultado.

Em 1835 descobriu uma negra, velha e cega que não possuía qualquer papel de identidade, perdera por completo a memória e de quem não se conheciam parentes próximos ou afastados. A sua idade era indefinível. Teria talvez 70 anos. Mas podia também atribuir-se-lhe 100 ou mais.

Barnum viu nesse facto de aparência insignificante um filão a explorar. Decidiu apresentar a pobre negra como ama de Washington, o grande fundador dos Estados Unidos. Para que o facto fosse



A' esquerda: Os autênticos esposos Tom Thumb segundo uma fotografia do circo. Em cima: Wallace Beery com os dois antes que desempenhassem no filme estes papéis

cronologicamente possível era preciso que a velha tivesse 160 anos de idade.

Em conversa com um jornalista e sob grande sigilo, Barnum revelou-lhe a sensacional descoberta que fizera. Garantiu que examinara com os seus próprios olhos os documentos que provavam ter a negra 163 anos de idade. O jornalista, a princípio duvidou. Mas Barnum esmagou-o com o argumento de que ninguém teria trazido do interior dos Estados Unidos uma velha miserável se não estivesse bem certo de que ela fôra, de facto, a ama de Washington.



polémica. Mas não se julgue que discutiam a autenticidade dos 163 anos da velha. A questão que os preocupava era tratar-se duma negra. Ninguém ignora que a questão das raças tem entre os norte-americanos um profundo significado. A idade era, portanto, um caso secundário. O que interessava aos patriotas era a possibilidade de Washington ter sido amamentado por uma negra. O seu orgulho de brancos não podia tolerar essa ideia. Assim, dentro de pouco tempo todo o povo norte-americano se encontrava dividido em dois partidos: o dos que admitiam que a negra tivesse sido ama de Washington e o dos que negavam "á outrance", esse facto.

Mas, entretanto, ainda ninguém vira a negra e alguém se lembrou de insinuar que ela não existia. Barnum foi então assediado por inúmeros pedidos para mostrar a sua descoberta. Simulou relutância e acabou por ceder. Estabeleceu um preço de entrada módico e durante meses ameealhou uma receita de 300 dólares diários. Foi esse o começo da sua fortuna.

Escusado será dizer que o jornalista não pensou mais em guardar o "segredo" que lhe fôra confiado. Como Barnum esperava, um jornal publicava no dia seguinte a sensacional revelação. O golpe fôra bem calculado. Sucedeu o que Barnum previra. Os jornais travaram acesa

Multiplicou depois, sempre com o melhor resultado, os expedientes deste género. Conseguiu deste modo ser um homem discutidíssimo e interessar todo o público norte-americano nas suas iniciativas. Fez escola e assim nasceu esse género de publicidade que ficou sendo conhecido em todo o Mundo pelo nome de "réclamo à americana". Quando Barnum morreu era várias vezes milionário.

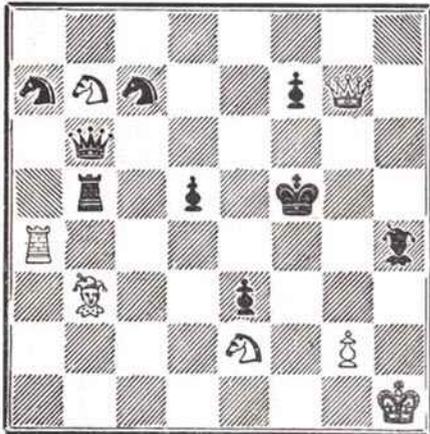
Tal era o homem de que o filme agora realizado nos conta as extraordinárias aventuras.

Xadrez

(Problema por C. Obert)

Branças 7

Pretas 9



Jogam as brancas e dão mate em dois lances

As focas melômanas

Os sem-filistas do mundo inteiro têm podido seguir, recentemente uma emissão do explorador Byrd, proveniente das regiões árticas e que consistia, entre outras cousas, conforme ao programa previamente estabelecido e anunciado, num «concerto» de focas e «diálogos» de pinguins. Como o público manifestasse algum espanto perante essa façanha única no seu género, Byrd quiz dar pela T. S. F. a seguinte explicação:

«As focas são animais melômanos por excelência. Quando sobre os montes de gelo, se põe a funcionar um fonógrafo, escolhendo-se músicas atraentes, não tardam a aparecer focas e pinguins que escutam esse música com profunda atenção.

«Basta fazer parar esta para se ouvir aqueles animais reclamarem em altos gritos, a continuação do concerto. Eis o segredo da minha emissão».

A maior lampada eléctrica do mundo

É de 3400 watts e o seu consumo equivale a 70 cavalos. Foi feita especialmente para a torre de um arranha-céus de Nova-York.

Graça alheia



O freguez: — Com que então, despediu aquela bonita empregada que cá tinha?
O farmacêutico: — Despedi, sim senhor. Pois se todos os cavalheiros, meus freguezes estavam sempre dizendo que um sorriso dela valia mais do que qualquer tónico?

(Do «London Opinion»)



As oito letras

(Paciência)



Oito cubos de madeira, cada um com a sua letra: A, B, C, D, E, F, G, H, estão colocados em oito compartimentos de uma caixa, pela forma representada na figura junta. Como se vê, só se pode mover um cubo de cada vez, para uma casa que vague, porque nenhum pode ser tirado para fora da caixa. O problema consiste em movê-los por essa forma, até que fiquem colocados nesta ordem natural:

A B C
 D E F
 G H

Isto conseguir-se-ia com relativa facilidade se pudesse ser executado em qualquer número de movimentos, mas tem de ser no menor número possível dêles.

Em vez dos cubos basta arranjar oito tentos ou rodela com as letras, e um simples diagrama dos nove compartimentos, desenhado numa folha de papel.

Este diagrama dos nove compartimentos, desenhado numa folha de papel.

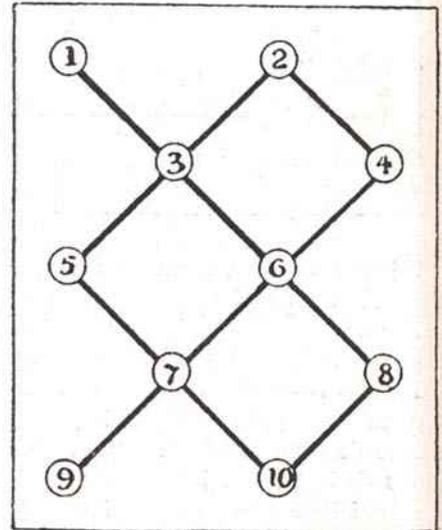
O primeiro jornal americano

Intitulava-se *May Flower* (Flor de Maio), e foi a primeira publicação que saiu à luz no território que forma actualmente os Estados Unidos da América do Norte.

Publicou-se em Cambridge (Massachusetts) em 1673. Há por conseguinte 262 anos. Em 1873, depois de ter festejado o seu segundo centenário, desapareceu.

Transferência de peões

(Passatempo)



Este passatempo que não é tão simples como à primeira vista parece, pôde executar-se com peões do xadrez ou do assalto, ou mesmo com simples botões, tentos ou cousa parecida que se tenha mais à mão.

Copiem o diagrama, que se vê aqui apresentado em reduzidas proporções, para maior escala, numa folha de papel. Coloquem, depois, dois peões brancos nas casas 1 e 2, e dois peões de diversa cor, vermelhos por exemplo, nas casas 9 e 10. O passatempo consiste em transferir os vermelhos para as casas dos brancos e vice-versa. Os peões podem mover se, cada um por sua vez, na ordem que se quiser, ao longo das linhas, de casa para casa, com a única restrição de nunca poderem estar, na mesma linha recta, simultaneamente, um peão branco e um peão vermelho. Assim, o primeiro movimento só pode efectuar-se de 1 ou 2 para 3, ou de 9 ou 10 para 7. O 2 não pôde ir para 4, nem o 10 para 8, emquanto em 9, ou em 1, estiverem peões de cores diversas.

Bridge

(Problema)

Espadas — 9, 8, 3, 2.
 Copas — 10.
 Ouros — A, D.
 Paus — — — — —

Espadas — V. N Espadas — 10.
 Copas — 8. O E Copas — 6.
 Ouros — V, 12, 9, 8. S Ouros — R, 6.
 Paus — 5. S Paus — R, V, 6.

Espadas — A, R, 7.
 Copas — — — — —
 Ouros — — — — —
 Paus — A, D, 3, 4.

Trunfo é copas. S joga e faz seis vasas.

(Solução do número anterior)

S joga o Az de paus, N balda-se ao Az de espadas. S joga em seguida o sete de espadas; se O cobrir, N corta com o Az de trunfo e volta a jogar trunfo. S cobre e faz as suas duas vasas de espadas, obrigando E quer a desfazer-se dos seus ouros quer a baldar-se ao Rei de paus. Se O deixar passar o sete de espadas, S continua com o mesmo naipe e o seguimento do jogo será o mesmo.

SAGRES



Aspecto do edificio na Rua do Ouro em Lisboa pertencente à Companhia, onde estão instalados os seus escritórios

**COMPANHIA DE SEGUROS
LUSO-BRASILEIRA**

Séde: Rua do Ouro, 191
LISBOA

TELEFONES : 2 4171 - 2 4172 - P. B. X.

CAPITAL REALIZADO 2.500.000\$00

**Seguros de vida em todas
as modalidades**

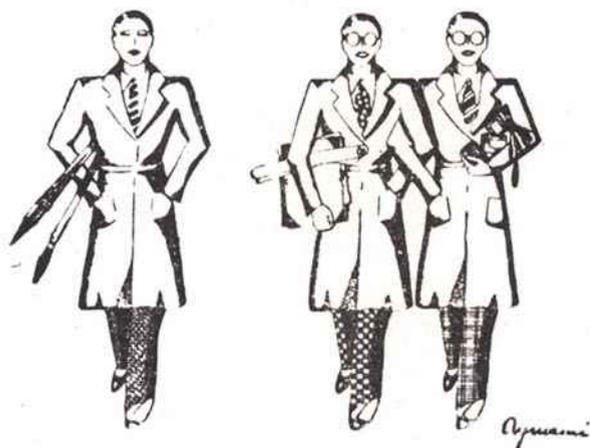
O FUTURO DOS FILHOS E DA FAMILIA
— A GARANTIA NA VELHICE —

CONSULTEM A SAGRES

INCENDIO
MARITIMOS
AUTOMOVEIS E POSTAES

GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
2 1308

**BERTRAND
IRMÃOS, L^{DA}**

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
& FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, **BANHOS CAR-
BO-GASOSOS**, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — — —

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens.** — — — —

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

IMPORTANTES OBRAS

ALGUMAS EDIÇÕES DE LUXO

PREÇO DOS ÚLTIMOS EXEMPLARES:

AMBIÇÃO DUM REI — romance histórico, por <i>Eduardo Noronha</i> , ilustrado com numerosas gravuras a cores, por <i>Manuel de Macedo</i> e <i>Roque Gameiro</i> . 3 vols. de 700 págs., cada, formato 28×19, broc.	45\$00	HOLANDA — descrição de viagem, por <i>Edmundo de Amicis</i> , 1 vol. de 218 págs., formato 8.º, profusamente ilustrado, broc.	10\$00
DRAMA DE AFRICA — grande romance de sensação, por <i>Leite Bastos</i> . Obra revista, desenvolvida e completada por <i>Gervasio Lobato</i> e <i>Jaime Vitor</i> , 5 vols. com mais de 350 págs. cada um, e 21 grav. broc.	30\$00	MELRO BRANCO — aventuras de terra e mar, por <i>Júlio Buratti</i> , ilustrado por <i>Bonamore</i> . Delicioso romance no género dos de <i>Júlio Verne</i> . 1 vol., formato 28×19, de 446 págs. e 51 grav. br.	30\$00
DRAMAS DA ESPADA — emocionante romance do grande escritor <i>Xavier Montepin</i> . 6 vols. de 220-350 págs. cada um, com 24 grav. broc. ...	30\$00	NO TEATRO E NA SALA — por <i>Guiomar Torrezão</i> , com uma carta-prefácio de <i>Camilo</i> . 1 vol. de 328 págs., broc.	10\$00
EXILADOS DA TERRA — grande romance de <i>André Laurie</i> . I — O anão de Rhadameh; II — Os naufragos do espaço, 1 vol. de 479 págs., ilustrado com 79 composições de <i>Jorge Roux</i> , 8 das quais aguareladas e 14 impressas a duas cores; formato 28×19	25\$00	OS QUARENTA E SETE CAPITÃES — romance japonês, por <i>Tamenaga Shunsuy</i> , tradução de <i>Ribeiro de Carvalho</i> , 1 vol. de mais de 300 págs., com capa género japonês, impressa a cores, broc.	10\$00
HANIA — romance de <i>Henrik Sienkiewicz</i> , seguido dos contos «Extrato do diário dum perceptor de Posen» e «A tourada» (recordações de Espanha), 1 vol. de 202 págs., broc.	4\$00	RESTAURAÇÃO DE PORTUGAL — romance histórico por <i>Faustino da Fonseca</i> , 3 grossos vols. de 600 págs. cada e 154 gravuras, formato grande, com muitas ilustrações, broc.	45\$00
HENRIQUETA — romance por <i>François Coppée</i> , trad. de <i>Guiomar Torrezão</i> , 1 vol. de 250 págs. br.	10\$00	SEM DOGMA — romance de <i>Henryk Sienkiewicz</i> , seguido dos contos «Bartek, o vitorioso» e «Lillian Morris», trad. de <i>Eduardo Noronha</i> , 2 vols. de 220 págs. cada, broc.	10\$00

Pelo correio, à cobrança, acresce as despesas que regula cêrca de 15 0/0 sobre o valor de cada obra.

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda para liquidação os últimos exemplares do notável romance histórico

LEONOR TELLES

de MARCELINO MESQUITA

3 volumes de formato 18×28 com um total de 2.058 páginas e 44 lindíssimos cromos de *Roque Gameiro* e *Manuel de Macedo* pelo preço excepcional de

Esc. 30\$00 — pelo correio á cobrança, 35\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DUAS EDIÇÕES DE LUXO DE OBRAS NOTÁVEIS

CONSTANTINOPLA

Descrição de viagem, por *Edmundo de Amicis*, tradução de *Manuel Pinheiro Chagas*. Esplêndida edição com 480 páginas e 200 gravuras

ESC. 20\$00

MARROCOS

Descrição de viagem, por *Edmundo de Amicis*, tradução de *Manuel Pinheiro Chagas*. Primorosa edição com 224 páginas e 170 gravuras

ESC. 20\$00

Qualquer das obras de grande formato, 31×22 em brochura pelo correio à cobrança

ESC. 25\$00

Preço excepcional e reduzidíssimo para liquidação dos poucos exemplares que restam

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

OBRAS DE AGOSTINHO DE CAMPOS

Alguns aspectos da literatura portuguesa, por *Aubrey F. G. Bell* (tradução), br. 3\$00

Comentário leve da Grande Guerra:

I — *Europa em guerra* (esgotado).

II — *O Homem, lobo do Homem* — 304 págs., br. 10\$00

III — *Portugal em Campanha* — 299 págs., br. 10\$00

IV — *Latinos e Germanos* — 319 págs., br. 10\$00

V — *A Carranca da Paz* — 316 págs., br. 10\$00

Ensaio sobre educação:

I — *Educação e Ensino* — 317 págs., br. 10\$00

II — *Casa de Pais, Escola de Filhos* — 248 págs., br. 10\$00

III — *Educar, na Família, na Escola e na Vida* — 352 págs., br. 10\$00

IV — *A mãe de todos os vícios* — 293 págs., br. 10\$00

Homem (O), a ladeira e o calhau — br. 10\$00

Jardim da Europa — br. 10\$00

Ler e tresler — br. 10\$00

Lição moral e cívica, dada perante os alunos do Liceu Pedro Nunes, no primeiro aniversário do assassinio do Presidente Sidónio Pais 3\$00

O pintor Carlos Reis — 1 fol. formato grande 4\$00

Três prosas (As) — A pobre, a rica e a nova rica — 64 págs., br. 3\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**, 73, R. Garrett, 75-LISBOA

ACABA DE SAIR

A 5.^a EDIÇÃO DE

Crónicas imorais

POR

Albino Forjaz de Sampaio

1 vol. de 266 págs., brochado **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Acaba de sair

A 2.^a EDIÇÃO DE

Portugueses de outrora

*HISTÓRIA DE PORTUGAL
CONTADA POR CRIANÇAS*

POR

MARIA PAULA DE AZEVEDO

Ilustrações de MAMIA ROQUE GAMEIRO

1 vol. de 184 págs., ilustrado com 19 gravuras
no texto e capa a cores **10\$00**

Pedidos à
LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75
LISBOA

Obras de AQUILINO RIBEIRO

- ANATOLE FRANCE (Estudo) — 79 págs., brochado..... 5\$00
- ANDAM FAUNOS PELOS BOSQUES — 356 págs. brochado.. 12\$00
- ESTRADA DE SANTIAGO (Contos: A maldição cubra os
pardais, O Malhadinhas, Valeroso milagre, A Grande
Dona, Bufonaria heroica.) — 408 págs., brochado..... 12\$00
- FILHAS DE BABILÓNIA (Duas novelas: Olhos deslumbrados
e Maga.) — 320 págs., brochado..... 12\$00
- O HOMEM QUE MATOU O DIABO (Romance) — 353 págs.,
broch. 12\$00
- JARDIM DAS TORMENTAS (Prefácio de Malheiro Dias.
Contos: A Catedral de Cordova, A inversão senti-
mental, Sam Gonçalo, A tentação do sátiro, Triunfal,
No solar de Montalvo, A hora de Vésperas, A pele do
bombo, Tu não furtarás, O remorso, A revolução.) —
328 págs. brochado 12\$00
- TERRAS DO DEMO (Romance) — 332 págs., brochado..... 12\$00
- VIA SINUOSA (Romance) — 360 págs., brochado 12\$00
- A BATALHA SEM FIM (Romance) — 308 págs., brochado... 12\$00
- AS TRES MULHERES DE SANSÃO (Novelas) — 268 págs.,
brochado 10\$00
- MARIA BENIGNA (Romance) — 286 págs., brochado..... 12\$00
- É A GUERRA — Diário da grande conflagração europeia, —
304 págs., brochado 12\$00

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

SUCESSO DE LIVRARIA

O HOMEM DOS MIL SEGREDOS

ROMANCE

DE *ROCHA JUNIOR*

1 vol. de 232 págs., com capa a
cores de *Stuart*, broch. **10\$00**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras do ilustre professor DR. EDUARDO GOELHO

- A finalidade da Universidade e o problema
da Universidade Portuguesa (Conferência
realizada na Sociedade de Geografia em 26 de Feve-
reiro de 1934)..... **5\$00**
- Trombose das coronarias e infarto do mio-
cardio (Estudo experimental e clínico)..... **30\$00**
- O Professor Ricardo Jorge (Breve ensaio crí-
tico, seguido da resenha bibliográfica da sua obra) **15\$00**
- A orise do pensamento contemporâneo e
os problemas fundamentais da biologia
e da psicologia (Conferência realizada na Facul-
dade de Medicina de Lisboa, a convite da Direcção
da Associação dos Estudantes de Medicina)..... **7\$50**

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND** — 73, Rua Garrett, 75—LISBOA

**DOCES E
COZINHADOS**

RECEITAS ESCOLHIDAS

POR

ISALITA

1 volume encader. com
351 páginas. **25\$00**

≡

DEPOSITÁRIA:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O Bébé

A arte de cuidar
do lactante

Tradução de Dr.^a Sára Be-
noliel e Dr. Edmundo Adler,
com um prefácio do Dr. L. Cas-
tro Freire e com a colaboração
do Dr. Heitor da Fonseca.

Um formosíssimo
volume ilustrado

6\$00

Depositária:

LIVRARIA BERTRAND
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística dos últimos tempos em Portugal

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA

ILUSTRADA

publicada sob a direcção de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em **magnífico papel couché** os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a cores e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, selos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, iluminuras, letras ornadas, fac-símiles de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a cores fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a cores e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Paye, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00



Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 - LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br.	15\$00
ALTA RODA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
ARTE DE AMAR — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
AS INIMIGAS DO HOMEM — (5.º milhar), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
DUQUE (O) DE LAFÕES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br.	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
HEROÍSMO (O), A ELEGÂNCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
PÁTRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
POLÍTICA INTERNACIONAL DO ESPÍRITO — (Conferência), 1 fol.	2\$00
UNIDADE DA LÍNGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br.	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CEIA (A) DOS CARDIAIS — (27.ª edição), 1 vol. br.	1\$50
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIRÓA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENÓRIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
REI LEAR — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br.	9\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANGEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRÁGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL - BRASIL
Rua da Condessa, 80 - LISBOA

OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 - LISBOA

INDISPENSÁVEL EM TODAS AS CASAS

Manual de Medicina Doméstica

pelo DR. SAMUEL MAIA

Médico dos Hospitais de Lisboa

RECEITUÁRIO — SOCORROS DE URGÊNCIA
HIGIENE — DIETÉTICA — GINÁSTICA — ENFERMAGEM
FARMÁCIA — DEFINIÇÃO E TRATAMENTO DAS DOENÇAS

O QUE TODOS DEVEM SABER DE MEDICINA

A melhor fortuna é a saúde e por isso todos devem olhar por ela e não esquecer a da família. O **Manual de Medicina Doméstica** é guia, é conselheiro indispensável para esse efeito. Nesta obra, incontestavelmente de grande utilidade, trabalho cuja **seriedade é garantida** pelo nome do autor ilustre, qualquer pessoa encontrará tudo o que é preciso saber para conservar a sua saúde ou tratá-la em caso de doença.

O **Manual de Medicina Doméstica** ensina a proceder imediatamente, antes que o médico chegue: no caso dum ferimento grave, duma queda, duma dor repentina, dum desmaio; dá os melhores conselhos e instruções **sobre enfermagem**, mostra como se põe uma ligadura, como se faz um penso, etc.; ensina a preparar e a realizar a **alimentação para os doentes ou convalescentes** e mesmo para os sãos, etc., etc., emfim esclarece uma infinidade de casos em que a aflição e a falta de conhecimentos médicos serão vantajosamente remediados.

Todos os assuntos se acham observados sob um ponto de vista prático, expostos duma forma agradável e acessível a toda a gente e indicados num índice elucidativo, de fácil e rápida consulta

Em inúmeros casos de doença, dispostos por ordem alfabética, atende, responde, ensina o

MANUAL DE MEDICINA DOMÉSTICA

E assim, quando na **ausência de médico, por o não haver, ser distante a sua residência**, ou na sua falta, **como no interior**, e sempre que seja preciso actuar imediatamente, recorrendo-se ao **Manual de Medicina Doméstica**, nele se encontrarão todos os conselhos, tôdas as indicações para se providenciar com segurança.

QUEM DEVE E NÃO DEVE PRATICAR SPORTS, QUAIS E COMO DEVEM USAR-SE PARA QUE, EM VEZ DE BENEFÍCIO, NÃO RESULTE A PERDA DA SAÚDE.

O QUE EXISTE DE RECOMENDÁVEL PARA CONSERVAR O VIGOR, A MOCIDADE E A BELEZA.

REGRA DE BEM VIVER PARA CONSEGUIR A LONGA VIDA.

1 vol. de 958 páginas, nitidamente impresso, profusamente ilustrado,
encadernado em percalina, **Esc. 35\$00**

Nenhuma família deve deixar de ter em casa esta obra humanitária
Indispensável a toda a gente

LIVRARIA BERTRAND — Rua Garrett, 73, 75 — LISBOA

Toda a Mulher

deveria ler este Anuncio

O Esgotamento de Nervos e como suporta-lo

QUANDO se sente quebrada e deprimida durante o dia — quando não pôde dormir à noite — são sinais certos de que o sistema nervoso não obtem elementos nutritivos suficientes da alimentação vulgar. Uma recente investigação científica mostrou uma imediata utilidade no equilibrio nervoso acrescentando à dieta ordinaria um alimento restaurador dos nervos numa forma correcta.

Estas investigações, dirigidas por um celebre cientifico, provaram o notavel valor da Ovomaltine para restabelecer o sistema nervoso. Assim, quando a Ovomaltine foi dada uma só vez ao dia, o nervosismo diminuiu em cerca de 30% em duas semanas. Nalguns casos a baixa do nervosismo foi de 18% numa só semana.

Há razões bem claras para provar a supremacia da Ovomaltine como restaurador dos nervos. Ela é cientificamente preparada, por um processo exclusivo, das melhores qualidades de malte, leite e ovos. Os ovos frescos são empregados com grande liberalidade na Ovomaltine, devido à sua riqueza em fosforo organico, tão essencial para alimentação dos nervos.

Fazendo-se da deliciosa Ovomaltine a bebida regular diaria, pode-se estar certo de que a alimentação é completa em elementos nutritivos, requeridos para manter a saude e o equilibrio do sistema nervoso. Como bebida nocturna, tambem a Ovomaltine não tem igual, pois que produz um sono tranquilo e reparador.

Ovomaltine não contem assucar vulgar para diminuir o preço em prejuizo da qualidade. Ovomaltine não é uma farinha nem uma simples mistura. Não contem chocolate ou uma grande percentagem de cacau.

Por todas estas razões a Ovomaltine marca por si só um logar.

Qualidade acima
de tudo

OVOMALTINE

Restaurador do Cerebro, dos Nervos e do Corpo

A venda em todas as farmacias, drogarias e mercearias, aos preços de Esc. 9530, 18300 e 31500

DR. A. WANDER S. A., Berne

UNICOS CONCESSIONARIOS PARA PORTUGAL

ALVES & C.^ª (IRMÃOS)

RUA DOS COMMERÇOS, 41 2.^ª

LISBOA